

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Matheus de Vasconcellos Chaparini

**REVOLUÇÃO DAS CRIANÇAS, DAS MULHERES E DOS HOMENS: as
representações da Nicarágua no livro de Caco Barcellos**

Porto Alegre

2012

Matheus de Vasconcellos Chaparini

**REVOLUÇÃO DAS CRIANÇAS, DAS MULHERES E DOS HOMENS: as
representações da Nicarágua no livro de Caco Barcellos**

Monografia de conclusão apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Mestre Rosa Nívea Pedroso

Porto Alegre

2012

Matheus de Vasconcellos Chaparini

**REVOLUÇÃO DAS CRIANÇAS, DAS MULHERES E DOS HOMENS: as
representações da Nicarágua no livro de Caco Barcellos**

Monografia de conclusão apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

DATA DE APROVAÇÃO:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Mestre Rosa Nívea Pedroso (orientadora)

Prof^a Doutora Ilza Maria Tourinho Girardi

Prof Mestre Wladymir Netto Ungaretti

AGRADECIMENTOS

Agradeço à família, aos amigos, blá, blá, blá, e àquelas pessoas a quem todo mundo agradece. Valeu aê!

Aos meus pais, pelo apoio emocional e financeiro – sobretudo o segundo - quando foi necessário nesse período de desemprego e monografia.

À Cida Golin, que me emprestou tempo e calma quando dos meus devaneios de monografia ainda sem tema.

A Rosa Nívea, por três momentos: por ter me obrigado a fazer minha primeira reportagem, lá pelos 3 anos de curso, quando me descobri de fato jornalista; por me aceitar e me ajudar a objetivar meu trabalho quando eu não tinha mais tempo para devaneios; e, principalmente, pelo apoio no começo da análise. Olelê! Foi um gás importante pra seguir em frente.

Ao Wladimir Ungaretti, sem dúvida a pessoa com quem mais aprendi sobre “joRRnalismo” até aqui. Mestre de fato.

Ao Gordo, ao Primo e ao Beibe que – quase - nunca deixaram faltar nada quando precisei.

Ao Basquete fabicano - verdadeira sala de aula – e aos seus nobres e fiéis atletas.

Às inspiradoras beibes do meu bairro, que me encheram os olhos.

Às beibes de outros bairros que me encheram o espírito.

Ao Xitão e ao Chico, meus “laranjas” na biblioteca.

Ao Tio André pelo computador que quebrou um baita galho.

E a todo mundo que teve que me aguentar de alguma forma durante a feitura desse trabalho.

Acima de tudo, agradeço a Deus. Não, brincadeira, continuo ateu.

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a analisar as representações da Nicarágua no livro *Nicarágua: a revolução das crianças* de Caco Barcellos. O objetivo é verificar como o autor se refere às partes envolvidas na revolução sandinista em cada etapa do conflito. Para isso, dividiu-se o tempo de captação do repórter no front em períodos, e mapeou-se, dentro destes, as referências ao povo, à ditadura, à guerrilha e à imprensa, além dos personagens apresentados. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo. No percurso desta análise, realizou-se uma revisão sobre o livro-reportagem além de uma breve revisão da história da Nicarágua para situar os acontecimentos descritos no livro. Movido pelo espírito de repórter, Caco Barcellos arrisca sua vida para conseguir se aproximar das pessoas, entendê-las e representá-las da maneira mais aprofundada possível.

Palavras-chave: Nicarágua. Revolução sandinista. Livro-reportagem. Caco Barcellos.

ABSTRACT

This research aims to analyze the representations of Nicaragua in the book “Nicaragua, a revolução das crianças”, of Caco Barcellos. The objective is to verify how the autor refers to the parts involved on the Sandinista revolution, in each part of the conflict. To this, I divided de time of catchment of the reporter in the front in periods, and maped, inside these, the references to the people, the dictatorship, the guerrilla and the press, beyond the characters. The methodology used was content analysis. Along this analysis, I realized a revision about the reporting book beyond a brief revision of the history of Nicaragua to context the facts related in the book. Motivated by the spirit of reporter, Caco Barcellos risks his life to approach the people, understand and represent them the further possible way.

Keywords: Nicaragua. Sandinista revolution. Reporting-book. Caco Barcellos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O LIVRO-REPORTAGEM	11
2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS	11
2.2 CARACTERÍSTICAS	15
2.3 A EXTENSÃO DA REPORTAGEM.....	17
2.4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO.....	19
2.5 INTERFACES	24
3 NICARÁGUA	27
4 ANÁLISE DE CONTEÚDO	32
4.1 HISTÓRIA	32
4.2 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS	33
4.3 MÉTODO	33
4.3.1 Organização Da Análise	33
4.3.2 A Codificação	34
4.3.2.1 A escolha das unidades de registro e de contexto	35
4.3.2.2 A escolha das regras de enumeração	35
4.3.3 A categorização	35
4.3.4 Inferência	36
4.3.5 Tratamento informático	36
4.4 TÉCNICAS	37
5 REPRESENTAÇÕES DE UMA NICARÁGUA EM GUERRA	39
5.1 FUI PRA MANÁGUA!.....	40
5.2 COBERTURA DE GUERRA PADRÃO	41
5.2.1 Bill Stewart	42
5.2.2 A Ditadura	42
5.2.3 A imprensa	43
5.2.4 A guerrilha	45
5.2.5 Orlando Herrera	45
5.3 COBERTURA DE GUERRA SEM AR CONDICIONADO.....	47
5.3.1 Herrera	48
5.3.2 Jarquin	51
5.3.3 O povo	52
5.3.4 A guerra faz seus loucos	52
5.3.4.1 Norma.....	52
5.3.4.2 O homem com a vela na mão.....	53
5.3.4.3 Rapaz atropelado pela GN	54
5.3.4.4 Noel Zamora.....	54
5.3.5 A Imprensa	55
5.3.6 A guerrilha	56

5.3.7 Felipe	57
5.3.8 A ditadura	58
5.4 NAS MÃOS DA GUERRILHA	59
5.4.1 O povo	59
5.4.2 A guerrilha	60
5.4.3 Zapote	60
5.5 DE BRAÇOS COM A GUERRILHA	62
5.5.1 O povo e a guerrilha	62
5.5.2 Justo Garcia	63
5.5.3 A imprensa	64
5.5.4 A ditadura	64
5.5.5 Orlando Montenegro.....	65
5.5.6 Leonor.....	66
5.5.7 Lázaro	66
5.5.8 Macho Negro	69
5.6 REVOLUÇÃO VITORIOSA	70
5.6.1 Cléria	70
5.6.2 O povo	71
5.6.3 Família Sanchez e Sanchez	72
5.6.4 A guerrilha	72
5.6.5 Pablo Guadá.....	73
5.6.7 A imprensa	73
5.6.8 Herrera	75
5.6.9 El Brasileño	75
5.6.10 A Ditadura.....	76
5.7 A PARTILHA DO BOLO.....	77
5.7.1 O povo	77
5.7.2 A guerrilha	77
5.7.3 Comandante Zero	78
5.7.4 Comandante Dois	79
5.7.5 El vulcano	80
5.7.6 A guerrilha	81
5.7.7 Tomás Borge.....	82
5.7.8 Misterioso Modesto	82
6 CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS.....	87

1 INTRODUÇÃO

Caco Barcellos é jornalista e autor de três livros-reportagem: Nicarágua: a revolução das crianças, Rota 66, a história da polícia que mata e Abusado, o dono do morro Dona Marta. Neste trabalho, analiso o primeiro de seus livros, de 1982. Em 1979, quando os guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação Nacional entraram na Nicarágua com o objetivo de derrubar a ditadura de Somoza – que governava o país há quatro décadas – Caco Barcellos morava em Nova Iorque com a esposa e o filho de três anos e trabalhava como garçom. Para escrever Nicarágua, a revolução das crianças, o autor viajou às pressas até o país, trabalhando como repórter independente e com poucos recursos financeiros.

Logo após sua chegada, o conflito começa a chegar perto da imprensa. A grande maioria dos correspondentes decide ir embora, Caco Barcellos fica na Nicarágua e é um dos poucos a acompanhar a vitória da primeira revolução de caráter socialista vitoriosa desde a cubana, de 1959. Caco acompanha os últimos combates armados, a comemoração da vitória e o começo da formação do governo revolucionário de um ângulo privilegiado: o da guerrilha.

Este trabalho analisa como Caco Barcellos representa a Nicarágua durante a guerra. Para isso, divido o tempo de captação do repórter em períodos, conforme a situação do conflito e a angulação do repórter. O objetivo geral deste trabalho é analisar a representação das figuras humanas em meio à guerra e suas reações a esta. Para isto, identifico as referências que o autor faz às partes envolvidas em cada momento do conflito. Identifico também, no livro, as referências aos armamentos usados, tanto pela guerrilha quanto pela ditadura, o que ajuda a compreender a evolução do conflito, a situação e as intenções de cada lado.

No segundo capítulo deste trabalho, faço um apanhado teórico acerca do livro-reportagem. Retomo os conceitos de jornalismo e de livro para chegar ao seu híbrido, o livro-reportagem, abordando histórico, conceitos e características. Utilizo principalmente os autores Edvaldo Pereira Lima e Eduardo Belo, que demonstram como se dá a ampliação e o aprofundamento da reportagem tradicional, publicada em veículos periódicos, para a reportagem em livro.

O terceiro capítulo traz um resumo da análise de conteúdo, método escolhido para esta análise. No quarto capítulo reconstituo brevemente os fatos importantes da história da Nicarágua, para contextualizar a situação do país no momento do conflito relatado no livro. Por fim, no quinto capítulo apresento minha análise do livro.

2 O LIVRO-REPORTAGEM

2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS

A bibliografia teórica acerca do livro-reportagem é muito escassa no Brasil, visto que essa é uma área pouco explorada no meio acadêmico, mais voltado para os estudos da comunicação de uma forma mais geral. Basicamente, encontra-se apenas um autor brasileiro que se propõe a um estudo de profundidade e a um trabalho conceitual do livro-reportagem: Edvaldo Pereira Lima. Boa parte dos pesquisadores que se dedicam a um estudo relacionado ao tema utiliza-se de sua obra como base teórica. O autor lançou dois livros neste sentido: **Página Ampliadas** (1993b) e **O que é livro-reportagem** (1993a). No primeiro, inclusive, reconhece a escassez de estudos acadêmicos sobre o livro-reportagem, tanto no Brasil, quanto em outros países com maior tradição na produção de livros-reportagem, como os Estados Unidos. Além destes dois livros, utilizarei como referencial teórico também o livro de Eduardo Belo que, a meu ver, é o autor, depois de Lima, que faz um trabalho mais aprofundado nesta área.

É prudente começarmos este capítulo delimitando o objeto de estudo. Podemos afirmar que o livro-reportagem, por sua gênese, está no meio do caminho entre um veículo jornalístico e uma publicação editorial, mesclando características de ambos. Desta forma, faz-se necessário começar com as definições de livro e de jornalismo para, em seguida, localizarmos o objeto entre esses dois conceitos. Lima apresenta uma definição de Gustavo Barbosa e Carlos Alberto Rabaça:

“Publicação não-periódica que consiste materialmente na reunião de folhas de papel impresso ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processo de encadernação e técnicas similares. Distingue-se do folheto por possuir maior número de páginas: segundo a UNESCO, considera-se livro a publicação de mais de 48 páginas.” (BARBOSA; RABAÇA, 1978 *apud* LIMA, 1993b, p. 29)

O autor também traça o que considera como características mais primárias do jornalismo contemporâneo:

“O jornalismo contemporâneo, por sua vez, existe como um dos instrumentos da civilização humana mediante o qual as pessoas são informadas do que acontece no mundo. Diferentemente das artes, por exemplos, que podem refletir a realidade por meio da ficção, o

jornalismo trata de reproduzir a realidade concreta, factual. Seu papel principal é relatar os acontecimentos.” (LIMA, 1993a, p. 8 e 9)

Desta forma, Edvaldo Pereira Lima conclui que “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalísticas periódicos.” (LIMA, 1993b, p. 29)

Já Eduardo Belo, define o livro-reportagem da seguinte forma:

“...é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve de complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto...” (BELO, 2006, p. 41).

Lima considera ainda que o livro-reportagem “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e idéias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva.” (LIMA, 1993b, p. 15). Podemos considerar que o livro-reportagem se enquadra nas características básicas do jornalismo. Entretanto, por não ser periódico, perde o caráter efêmero das demais publicações jornalísticas e é produzido fora do sistema de trabalho apressado das redações. Lima define bem a importância dessa especificidade:

“O livro-reportagem cumpre relevante papel social preenchendo os vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística.” (LIMA, 1993b, p.16).

Segundo Lima, o livro-reportagem se diferencia das demais publicações classificadas como livro principalmente por três condições essenciais: conteúdo, tratamento e função.

Quanto ao conteúdo, o que o diferencia das demais publicações em livro é o compromisso com a realidade factual. O objeto do livro-reportagem é sempre o real, portanto, a veracidade e a verossimilhança são essenciais.

Por tratamento, o autor entende a linguagem, a montagem e a edição. Através destes procedimentos o livro-reportagem se mostra eminentemente jornalístico. A linguagem segue os objetivos de precisão, exatidão, clareza e concisão. Montagem e edição, por sua vez, se utilizam dos mesmos recursos empregados na grande reportagem dos veículos jornalísticos periódicos.

Quanto à função, as possibilidades são ligeiramente mais amplas, mas ainda dentro das possibilidades oferecidas pelo jornalismo. Lima propõe que o livro-reportagem “pode servir a distintas funções típicas ao jornalismo que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar” (LIMA, 1993b, p. 30)

O autor sugere ainda três formas de classificação do livro-reportagem: quanto à origem; quanto à relação com a atualidade; quanto à linha temática e ao tratamento narrativo. Lima identifica duas possibilidades de origem do livro-reportagem: aqueles nascidos a partir da ampliação de grandes-reportagens feitas para veículos jornalísticos periódicos, dos quais cita como exemplo **Viagem à literatura portuguesa contemporânea**, de Cremilda Medina, originado a partir de uma série de entrevistas feitas para o jornal **Estado de São Paulo**; e aqueles concebidos desde o princípio do projeto com a finalidade de publicação em livro, exemplificado por **The Death of Air India Flight 182**, de Salim Jiwa, que trata de um atentado de 1985 a um avião que voava de Toronto para Nova Delhi.

A respeito da relação com a atualidade, a divisão é entre: livros-reportagem que aproveitam um fato recente que ainda está repercutindo e aprofundam-no, denomina esta categoria de “livro instantâneo”; livros-reportagem que não se limitam à atualidade, buscando temas mais distantes no tempo para poder investigar-lhes as origens ou temas que não estejam a um fato central e sim “à explicação de algo mais ou menos perene.” (LIMA, 1993b, p. 34).

A terceira proposta de classificação “toma por base dois fatores intrinsecamente relacionados: o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade e a natureza do tema que trata a obra.” (LIMA, 1993, p. 44). A partir desses dois fatores, Lima enquadra os livros-reportagem em uma série de grupos, ponderando que novas categorias podem surgir conforme a produção de livro-reportagem evolui e que um mesmo livro-reportagem pode se enquadrar em mais de uma categoria. Abaixo resumo brevemente este modelo de classificação:

- a) Livro-reportagem-perfil: evidencia o lado humano de um personagem, público ou anônimo, que se torna interessante por algum motivo;
- b) Livro-reportagem-depoimento: narra um acontecimento relevante do ângulo de algum participante ou testemunha, podendo ser escrito pelo próprio envolvido ou por um jornalista, a partir da coleta de depoimentos;
- c) Livro-reportagem-retrato: assemelha-se ao livro-reportagem-perfil, mas ao invés de retratar figuras humanas, focaliza uma região geográfica, um setor da sociedade ou um segmento da atividade econômica, por exemplo;
- d) Livro-reportagem-ciência: ocupa-se da abordagem de temas científicos;
- e) Livro-reportagem-ambiente: aborda temas ligados às causas ecológicas;
- f) Livro-reportagem-história: aborda algum tema do passado recente ou mais distante no tempo, mas, geralmente, busca algum elemento que o conecte com o tempo presente;
- g) Livro-reportagem nova consciência: aborda temas comportamentais, sociais, culturais, econômicos ou religiosos ligados a correntes influenciadas, a partir da década de 60 pela contracultura e aos movimentos de aproximação à cultura do oriente Médio;
- h) Livro-reportagem-instantâneo ou livro-reportagem da história imediata: enfoca fatos recém concluídos, cujos contornos finais já conhecidos;
- i) Livro-reportagem-atualidade: assim como o livro-reportagem-instantâneo, aborda temas atuais, porém, cujos contornos finais ainda não são conhecidos;
- j) Livro-reportagem-antologia: reúne reportagens anteriormente publicadas em veículos jornalísticos periódicos, funciona como uma espécie de coletânea de reportagens já publicadas;
- l) Livro-reportagem-denúncia: tem propósito investigativo e visa evidenciar injustiças, desmandos e abusos de entidades públicas ou privadas;
- m) Livro-reportagem-ensaio: tem forma de ensaio, trazendo a presença e a opinião do autor. Geralmente escrito em primeira pessoa;
- n) Livro-reportagem-viagem: apresenta uma viagem como fio condutor da narrativa. (LIMA, 1993b).

Embora reconheça a dificuldade em precisar uma “data de nascimento” para o livro-reportagem, Belo sugere que este tenha começado a “ganhar força como subgênero da literatura na Europa do século XIX.” (BELO, 2006, p. 19). Segundo o autor, no Brasil, jornalismo e literatura sempre estiveram interligados, desde 1808, quando a Coroa portuguesa liberou a impressão, antes proibida. “Literatura e jornalismo se desenvolveram paralelamente. A literatura, primeiro, abrigou-se nas páginas dos jornais, com a publicação de folhetins.” (BELO, 2006, p. 31).

O autor localiza na década de 1950 um período de afastamento entre literatura e jornalismo no país. Nesta época, o jornalismo brasileiro teria se afastado do modelo europeu - mais autoral e interpretativo, pela origem na atividade política – se filiando ao modelo estadunidense – baseado no modelo de pirâmide invertida, com relatos curtos e objetivos, consequência de sua origem empresarial.

O autor considera que o primeiro livro-reportagem brasileiro foi **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, lançado em 1897. Entretanto, “o período de maior destaque para a publicação jornalística em livro começou na década de 1980.” (BELO, 2006, p. 30). Nessa época, surgem diversas reportagens em livro abordando os bastidores da política e da economia, em tempos de abertura política do regime militar. Além destes temas, Belo cita dois fatores que ajudaram a impulsionar o crescimento do livro-reportagem no país no final do século passado: “as constantes tentativas de estabilização monetária – só alcançada com êxito depois do Plano Real, em 1994 - e o encolhimento do espaço editorial de revistas e, principalmente, dos jornais brasileiros.” (BELO, 2006, p. 32).

Essa falta de espaço para relatos mais longos e aprofundados é citada como causa do nascimento do livro-reportagem no Brasil. O autor pondera que essa origem é inversa à origem do livro-reportagem nos Estados Unidos e na Europa:

“Lá, a tradição da reportagem abre espaço para explorar mais profundamente nos livros temas que não interessam a jornais e revistas ou que já foram muito abordados pelos periódicos. (...) Aqui, uma parcela importante do livro-reportagem, a que trata de temas contemporâneos, ocupa basicamente o espaço deixado pela cobertura superficial dos periódicos.” (BELO, 2006, p. 40).

2.2 CARACTERÍSTICAS

Muitas características da prática do livro-reportagem coincidem ou se assemelham às práticas das redações de veículos jornalísticos periódicos. Lima propõe quatro características básicas do jornalismo: atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva. Neste ponto, identifica uma primeira ruptura significativa do livro-reportagem em termos de criar um modo próprio e particular. Trata-se da relativização dos conceitos de atualidade e periodicidade (LIMA, 1993b, p. 57).

O jornalismo convencional trabalha a atualidade como o presente instantâneo dos fatos, um tempo de duração curta. O que interessa a este tipo de jornalismo é a agilidade, não há tempo para o aprofundamento da informação ou para longas apurações. Dessa forma, a abordagem tende a ser superficial e a não situar os acontecimentos dentro de uma noção mais ampla de tempo, que compreenda suas origens e seus desdobramentos.

“Em lugar da atualidade, o jornalismo de profundidade deve buscar ler a contemporaneidade, um conceito muito mais elástico do tempo presente, que transcende o meramente atual, para focalizar com grande pertinência as implicações, hoje, de eventos que não se deram apenas ontem, mas sim há anos, décadas, talvez.” (LIMA, 1993a, p. 20).

O autor considera que o livro-reportagem tem uma relação às avessas com a periodicidade, propondo um conceito mais amplo. Ainda que não obedeça a uma produção regular no tempo, de alguma forma o livro-reportagem se relaciona com a periodicidade. O autor se baseia no teórico alemão Otto Groth para relacionar a periodicidade com o “ritmo de vida”.

“Refere-se ao efeito da periodicidade, mediante a qual a repetição prolonga a existência dos acontecimentos. [...] Isso, mais o hábito mental que o leitor estabelece, ao se acostumar à leitura do periódico a intervalos regulares, criaria unidade e um estado de comunidade, tanto no tempo quanto no espaço.” (LIMA, 1993b, p. 41).

Para o autor, atualidade e periodicidade são fatores interligados, dos quais decorre um modelo que tende à simplificação, a qual gera duas consequências negativas quando o jornalismo se propõe a uma leitura mais profunda da realidade. A primeira seria o aprisionamento da produção da mensagem a um modelo pré-definido que responda às questões mais básicas e objetivas: *o que, quem, quando,*

onde e como. A segunda consequência negativa deste modelo, ainda segundo Lima, é a legitimação repetidamente de determinadas fontes, que passam a autoridades únicas em determinados assuntos.

Já em relação à universalidade, o autor considera que é uma característica do fazer jornalístico que se aplica bem ao livro-reportagem. Faz essa consideração a partir de duas concepções de universalidade, sendo elas: a diversidade dos temas abordados e, dentro destes temas, a ampla variedade de aspectos que são abordados dentro de cada um destes temas.

Quanto à difusão coletiva “parece-me irrefutável servir perfeitamente ao livro-reportagem” (LIMA, 1993b, p. 44). O autor faz uma ponderação, entretanto, quanto ao status de comunicação de massa do livro-reportagem. Nos Estados Unidos e Europa Ocidental, onde a circulação e o alcance de público é muitíssimo maior, tendo inclusive alguns títulos em listas de mais vendidos e alcançando sucessivas edições, alguns casos podem ser considerados como verdadeiros veículos de comunicação de massa.

“No caso brasileiro, a baixa tiragem – salvo poucas exceções – e sua circulação limitada a segmentos específicos do grande público fazem-me entendê-lo como muito mais um veículo de comunicação coletiva do que de comunicação de massa propriamente dita. Mas não resta dúvida que a difusão pública se dá.” (LIMA, 1993b, p. 44).

2.3 A EXTENSÃO DA REPORTAGEM

Neste trabalho, sigo a hipótese de Edvaldo Pereira Lima, reiterada por Eduardo Belo e já citada anteriormente, de que o livro-reportagem cumpre papel complementar aos veículos jornalístico periódicos, aprofundando os temas e cobrindo eventuais lacunas deixadas por estes. Desta forma, é importante definir e explicar aqui em que sentido e através de que procedimentos esse aprofundamento se dá. Primeiramente, trabalharei alguns conceitos e classificações de reportagem.

O autor marca a consolidação da reportagem como gênero jornalístico na década de 1920, associado a dois fenômenos: o surgimento das revistas semanais de informação geral e do chamado jornalismo interpretativo. Segundo Lima, o jornalismo interpretativo, procura prover a audiência de meios para compreender o seu tempo, os acontecimentos que presencia, suas causas e consequências.

Desta forma, podemos considerar a reportagem como uma extensão de outro gênero jornalístico, a notícia. Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro ilustram bem a diferença entre esses dois gêneros:

“Enquanto a notícia fixa o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui, num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites do acontecer para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente.” (LEANDRO; MEDINA *apud* LIMA, 1993a, p. 25).

José Marques de Melo também define a diferença de aprofundamento entre os dois gêneros: “A *notícia* é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A *reportagem* é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística.” (MELO *apud* Lima, 1993b, p. 27).

Para Eduardo Belo, “a função da reportagem reside em encadear informações por meio de um processo narrativo e documental que desenvolva a percepção e a compreensão por parte do receptor da mensagem.” (BELO, 2006, p. 49).

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari apontam como características básicas da reportagem: “predominância da forma narrativa”, “humanização do relato”, “texto de natureza impressionista” e “objetividade dos fatos narrados”. A partir disso, os autores apresentam uma classificação do que consideram os três tipos básicos de reportagem:

- a) Reportagem de fatos: narrativa construída a partir do relato objetivo dos acontecimentos, obedecendo a ordem de importância da pirâmide invertida, do maior pro menor.
- b) Reportagem de ação: busca apresentar primeiramente os fatos mais atraentes e construir um relato dinâmico que envolva o leitor.
- c) Reportagem documental: o relato se apóia em citações e dados. (FERRARI; SODRÉ *apud* LIMA, 1993b, p.28)

A partir destas considerações, podemos considerar o livro-reportagem como um aprofundamento do trabalho de reportagem. Cabe agora verificarmos em que sentido esse aprofundamento se dá. Recorremos novamente a Lima, que define os dois sentidos possíveis de aprofundamento da reportagem:

“O aprofundamento é extensivo, ou horizontal, quando o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema. O aprofundamento é intensivo, ou vertical, quando o leitor é alimentado de informações que lhe possibilitam aumentar qualitativamente sua taxa de conhecimento.” (LIMA, 1993b, p. 37).

2.4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Edvaldo Pereira Lima divide o processo de construção da mensagem jornalística em quatro etapas: pauta, captação, redação e edição.

Em relação à pauta, o autor considera que esta etapa “é a definição de rumos, o estabelecimento de diretrizes que, quando mal-administrada conduz a matéria a terrenos poucos férteis.” (LIMA, 1993b, p.59) Nesta etapa, o autor identifica a vantagem do livro-reportagem em relação aos veículos jornalísticos periódicos por gozar de determinadas liberdades que estes outros não gozam, são elas:

- a) Liberdade temática: o livro-reportagem pode ser prestar a uma diversidade temática infinitamente mais ampla, abordando temas que não foram tratados pela imprensa periódica ou que o foram de maneira superficial. Além disso, “a liberdade temática liberta o autor dos grilhões impostos pelo sensacionalismo da imprensa cotidiana.”
- b) Liberdade de angulação: a grande diferença aqui é que o livro-reportagem é, geralmente, uma obra de autor. Desta forma, a presença do autor é bastante marcada e “seu único compromisso é com sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor...”
- c) Liberdade de fontes: como citado anteriormente, o jornalismo periódico peca em relação às fontes por legitimar repetidamente as mesmas fontes – especialistas, autoridades públicas ou representantes de instituições. O livro-reportagem quebra esse vínculo, abrindo o leque de possibilidades infinitamente. O mesmo serve para os documentos nos quais se baseia.
- d) Liberdade temporal: “Livre do ranço limitador da presentificação restrita, o livro-reportagem avança para o relato da contemporaneidade,

resgatando no tempo algo mais distante do de hoje, mas que todavia segue causando efeitos neste.”

e) Liberdade do eixo de abordagem: o livro-reportagem não precisa se render nos aspectos factuais, podendo abordar situações e questões mais duradouras que resultam num determinado acontecimento.

f) Liberdade de propósito: por suas características, que o permitem uma série de liberdades e um maior aprofundamento de caso, o livro-reportagem pode se permitir aspirações maiores do que a “informação anestesiadora” que a reportagem comum normalmente alcança. (LIMA, 1993b, p. 69)

O autor reitera a importância de uma pauta bem elaborada, com alcance e visão geral como indispensável para o trabalho de reportagem em profundidade. Após a elaboração da pauta, a próxima etapa do processo é a captação. Em relação ao jornalismo periódico, o autor identifica duas vantagens do livro-reportagem, na etapa de captação. A primeira diz respeito à rotina industrial das redações, estando livre delas, em tese, o livro-reportagem não precisa submeter-se à captação limitada pelo tempo. A segunda diz respeito ao conceito de objetividade trabalhado no jornalismo convencional:

“Estando liberto da objetividade reducionista e puramente tecnicista que habitualmente impera na imprensa regular, pode, em tese, experimentar novas formas de captação, expandir o leque de fonte de consulta, criar novas maneiras de interação entre o repórter e seus entrevistados...” (LIMA, 1993b, p. 84).

A partir destas considerações, Lima estabelece alguns dos instrumentos de que se utilizam experiências bem sucedidas no campo do livro-reportagem:

a) Entrevistas de compreensão: para atingir um aprofundamento, o livro-reportagem normalmente utiliza a compreensão, em detrimento da espetacularização do jornalismo cotidiano. “Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade.” (LIMA, 1993b, p. 85).

b) Histórias de vida: este recurso pode aparecer no texto na forma de entrevista padrão – perguntas e repostas –, na forma de depoimento ou mesclando as duas possibilidades.

c) Observação participante: modalidade consagrada pelo *new journalism*. Na década de 60, nos Estados Unidos, havia uma efervescência por conta de transformações sociais, da contracultura, de mudanças de comportamento. Este foi um terreno fértil para o fortalecimento da observação participante como forma de captação no jornalismo. O autor explica essa modalidade como um “mergulho de cabeça no sensual, no sensório”. (LIMA, 1993b, p. 96).

d) Memória: “Entendido como resgate de riquezas psicológicas e sociais...” (LIMA, 1993b, p. 99). Este método vai além dos limites imposto pela informação concreta, buscando uma compreensão profunda dos atores sociais e da realidade que os cerca.

e) Documentação: serve tanto para o jornalismo periódico quanto para o livro-reportagem, entretanto, no segundo, tem uma importância maior na fundamentação do tema abordado. Conforme citado anteriormente, em relação à *Liberdade de fontes*, a gama de documentos de que pode se valer um livro-reportagem é mais ampla.

f) Visão pluridimensional simultânea: o livro-reportagem pode se permitir uma visão mais ampliada da realidade, em detrimento da visão reducionista do cartesianismo, normalmente trabalhado no jornalismo convencional. Trata-se de um mergulho no imaginário, buscando elementos que possibilitem uma compreensão da realidade num contexto total. “O jornalismo não deixa de abordar o real, não se confunde com a ficção. Mas nega que o real seja apenas sua porção mais aparente, visível, concreta, material.” (LIMA, 1993b, p. 101)

Outro mal de que sofre a imprensa cotidiana é o anacronismo de sua linguagem. O texto comumente se prende à informação, aos fatos, deixando de lado a possibilidade de um tratamento mais sofisticado da linguagem, que resultaria em uma leitura mais gratificante. E propõe uma solução:

“...a saída para a renovação estilística do jornalismo, para sua renovação enquanto força capaz de comunicar e permanecer, pelo menos no caso da grande-reportagem, transita pela aproximação às formas narrativas das artes. (...) A narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte, assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se.” (LIMA, 1993b, p.106)

Para atingir seus objetivos na construção da narrativa da reportagem em livro, o jornalista se utiliza de algumas técnicas de tratamento da linguagem. Segundo Lima, são elas:

a) Narração: o autor cita Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, que consideram os elementos essenciais na narração: situação, intensidade e ambiente. “No livro-reportagem, a narração edifica-se, quase sempre, a partir de uma ação dada, mas privilegiando a intensidade e, menos frequentemente, o ambiente.” (LIMA, 1993b, p. 113)

b) Descrição: “Entendida como a representação particularizada de seres, objetos e ambientes...” Lima explana os tipos mais comuns de descrição no jornalismo, segundo classificação de Gaudêncio Torquato: pictórica, construída a partir da soma dos detalhes observados; topográfica, dá mais ênfase a determinadas características; cinematográfica, utiliza-se do jogo de luzes. Lima acrescenta dois tipos: “a prosográfica, que descreve fisicamente pessoas, enquanto a cronográfica, que trata da descrição da época ou circunstâncias atemporais, parece menos frequente” (LIMA, 1993b, p. 115)

c) Exposição: apresentação de um fato, situando-o em suas circunstâncias e analisando causas e efeitos. Utilizada, normalmente, quando o profissional quer convencer o leitor da sua visão sobre determinado tema.

d) Funções de linguagem: o autor se utiliza da definição de Roman Jakobson, que identifica seis funções de linguagem – referencial, expressiva, conativa, fática, poética e metalingüística. Para Lima, o jornalismo cotidiano geralmente se utiliza apenas da função referencial, ou seja, um relato seco e direto. Entretanto, pela maior extensão, o livro-reportagem mais comumente alterna a função referencial com a expressiva, que evidencia impressões e sentimentos do emissor.

e) Técnicas de angulação: Lima cita Gaudêncio Torquato, que considera que a angulação é “...escolher uma abordagem, uma palavra, uma imagem, cores; angular é saber onde e como colocar determinado componente no texto, de maneira que a ideia apresentada seja o mais próximo daquilo que se pretendeu.” O mesmo autor identifica três conjuntos de recursos técnicos de angulação: imagens, analogias e comparações; tipificação de situações e personagens; e descoberta do aspecto mais interessante da matéria.

f) Ponto de vista: o autor compara a narrativa jornalística com um aparato ótico que penetra na contemporaneidade pra revelá-la ao leitor. Desta forma, a escolha do ponto de vista é a escolha dos olhos através dos quais o leitor vai ter acesso à realidade. Para Lima, o ponto de vista se divide em dois grupamento básicos: narrativa em primeira e terceira pessoas, mais comum; e narrativa em segunda pessoa, menos usual. Em primeira pessoa, o narrador é observador, em primeira, geralmente é narrador-protagonista. Entretanto, identifica outras possibilidades disponíveis, como o onisciente intruso - quando o narrador faz comentário durante a narrativa –, a onisciência seletiva múltipla – quando a narrativa evolui por meio de impressões de diversos personagens –, o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, o monólogo interior e o fluxo de consciência. (LIMA, 1993, p.113)

A construção de uma narrativa longa, como é a de um livro-reportagem, requer um trabalho cuidadoso de montagem, estruturação e ordenação. Deste trabalho decorrem a fluência da narrativa e a eficiência atingida pela mensagem.

“Não se trata apenas de armar uma sequência após a outra na dimensão temporal e de distribuí-la, como elos de correntes, no espaço. É também uma questão de plantar as ações-chaves ao longo do texto, de ancorar a narrativa em pilares localizados de tal sorte que não deixem o teto desabar...” (LIMA, 1993b, p.124)

Neste aspecto, o autor identifica uma ligação entre as linguagens do jornalismo moderno e do cinema, no sentido de romper com uma narrativa que se desenvolva “cronologicamente no tempo e linearmente no espaço.” A narrativa pode

conter cortes no tempo, voltar ao passado, saltar para o futuro, alternar os ambientes, de modo a prender a atenção do leitor.

2.5 INTERFACES

Com as informações apresentada até então, espero ter demonstrado de forma clara que o livro-reportagem apresenta as características básicas do jornalismo, aprofundando-as e adotando também algumas outras características, de outras áreas, como explica Lima:

“Para atingir seu objetivo de ampliar a leitura da realidade contemporânea, o livro-reportagem utiliza todos os recursos operativos próprios da prática jornalística, levando-os ao ponto máximo de suas possibilidades. Quando esses recursos são insuficientes, transcende os limites convencionais do jornalismo, indo beber noutras fontes o néctar indispensável para oferecer um serviço de qualidade.” (LIMA, 1993a, p. 17).

Uma destas áreas, e talvez a mais próxima, é a literatura, da qual o livro-reportagem herda, por exemplo, o seu formato de livro. Além disso, podemos observar alguns recursos técnicos da literatura que são utilizados pelo livro-reportagem. Edvaldo Pereira Lima lança mão da Teoria Geral dos Sistemas para explicar a relação entre jornalismo e literatura. Cabe ressaltar que não é o interesse deste trabalho avançar sobre uma explicação complexa acerca de tal teoria, apenas demonstrar, através das palavras do próprio autor, como ela se aplica neste caso.

“A base de partida do raciocínio é o conceito de ordem hierárquica, princípio sob o qual agrupam-se níveis diferentes de sistemas interligados. A conectividade entre eles acontece por uma troca na qual certas funções de um e de outro sistema interagem. Quando um sistema novo surge, seu funcionamento é sensivelmente demarcado pela conectividade quase que totalmente dependente que estabelece com um ou mais sistemas com os quais interage amiúde. [...] No entanto, todo sistema aberto tende ao crescimento. O sistema novo realiza esse destino através de uma crescente individualização que vai lhe moldando as características próprias.” (LIMA, 1993b, p. 137).

Desta forma, o autor considera que a ligação do jornalismo com a literatura vem da gênese deste sistema. Lima se apóia em Tom Wolfe que vai buscar no nascimento do romance as bases para uma literatura do real. Para Wolfe, os

romancistas do realismo social, na Europa do século XVIII, já realizavam um trabalho de captação e reprodução da realidade, semelhante ao trabalho da reportagem realizado pelo jornalismo contemporâneo.

Segundo Lima, esse gênero literário perde força na Europa por volta de 1870. Curiosamente, o realismo social se fortalece nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial, nos anos 30.

“Daí, do realismo social longamente gestado na Europa, transplantado para América do Norte quando já fenecia, é que o jornalismo extrairia a melhor contribuição para a renovação estilística da narrativa em profundidade. O receptáculo mais adequado para esse burilamento do instrumental do relato do real seria, em última instância, o livro-reportagem.” (LIMA, 1993b, p. 141).

Outra área que faz interface com o livro-reportagem é a história. O autor sugere que nos seus primórdios, a historiografia moderna se confunde com a literatura. Apesar disso, o conceito que se estabelece entre 1750 e 1820, segundo Basselaar, traz modificações profundas a esta área.

“Em síntese, a historiografia vai se caracterizar pelo aproveitamento metódico de documentos literários e não-literários como fontes históricas, pela absorção de um novo ‘senso histórico’ através de conceito como o de evolução, pela assunção de um caráter positivista (...), pelo abandono do seu aspecto ‘literário’ e pela crescente especialização.” (LIMA, 1993b, p. 206)

O autor sugere que esse conjunto de mudanças foi definitivo para que a história perdesse a possibilidade de difusão popular. “Seu texto torna-se árido para o grande público, elitista e enfadonho. O excessivo apego à documentação a afasta das ruas e, das fontes vivas úteis ao resgate do passado.” (LIMA, 1993b, p.206) Neste espaço de público deixado pela historiografia tradicional, o autor observa o fenômeno do crescimento do romance histórico latinoamericano, cuja visão de mundo múltipla, seria mais condizente com a realidade total e por trabalhar com uma narrativa de leitura prazerosa, que cria um elemento lúdico.

Entretanto, o romance histórico não tem o compromisso com a realidade factual, premissa básica do jornalismo. Desta forma, Lima considera que esse espaço deixado pela historiografia tradicional beneficia também o livro-reportagem. “E é também neste vazio deixado pela historiografia tradicional que o livro-

reportagem pode encontrar sua especificidade, que não se confunde nem com a ficção nem com o relato histórico tradicional.” (LIMA, 1993b, p. 207)

Já para Belo (2006), “o jornalismo aproximou o ato de fazer uma reportagem um pouco mais da história quando passou a empregar, principalmente em livros, métodos de apuração antes desprezados ou usados em escalas desprezíveis.”. O autor reforça a ideia de que o fato de o trabalho do livro-reportagem ter prazos mais elásticos é fundamental neste sentido, pois permite uma apuração rigorosa. “É quando o jornalismo revela as melhores facetas de suas conexões com a história: acurácia e profundidade”.

Outra área que podemos considerar que faz uma interface com o livro-reportagem, ainda que em menor grau que as anteriores, é o cinema. Através do chamado *new journalism* que o jornalismo se aproxima mais desta outra forma narrativa. Tom Wolfe enumera quatro artifícios do *new journalism* e a relação destes com o cinema, são eles: construção da narrativa cena-a-cena, o uso de diálogos, o ponto de vista e detalhamento de símbolos de status de vida. Para Wolfe, “as cenas e o diálogo podem ser mais bem trabalhados no cinema do que no material impresso. Mas os outros dois, ponto de vista e detalhamento do status de vida, funcionam bem melhor no material impresso do que no cinema.” (WOLFE *apud* LIMA, 1993b, p.152)

3 NICARÁGUA

A Nicarágua é o maior país da América Central em extensão de território, com 130.000 m² de área. É banhado a leste pelo mar do Caribe e a oeste pelo Oceano Pacífico, sendo as duas costas separadas por uma zona montanhosa. O território é subdividido em três grandes regiões: do Pacífico, Central e do Caribe.

O país é constituído por 15 departamentos e 2 zonas autônomas. Na costa oeste, ficam as maiores cidades do país, como a capital Manágua (937.489 habitantes), León (174.051), Masaya (139.582), Matagalpa (133.416) e Chinadega (121.793). A atividade agrícola se concentra na costa leste, tendo como principal produto o café. Os dados são do Almanaque Abril de 2008.

Essa divisão populacional, decorrente da divisão do próprio território pelas montanhas da região Central do país, remonta aos primórdios da história Nicaraguense. Em torno de 1520, quando os colonizadores espanhóis desembarcaram na costa, liderados por Gil Gonzáles de Ávila, os povos indígenas que ali habitavam já eram divididos: a oeste, do lado do Pacífico, viviam os Nicaraos, influenciados pela cultura Asteca; a leste, viviam os Misquitos, de hábitos nômades e cultura mais rudimentar.

Em seu livro Nicarágua: um povo e sua história, Marco Antonio Piva e Márcia Cruz Piva explicam que foram os Nicaraos os primeiros a oferecer resistência à invasão europeia: “Vivendo à beira do lago de Manágua, esta tribo formou a primeira coluna de resistência contra o invasor. Depois de muita luta, o cacique Nicrao se rende a Francisco Hernandez Córdoba, representante do governo espanhol no Panamá.” (PIVA; PIVA, 1985, p. 11)

O período colonial é marcado politicamente pela rivalidade entre León e Granada, os dois primeiros povoados do lado Ocidental do país. León é o núcleo urbano, reúne a intelectualidade nicaragüense, os liberais. Enquanto Granada reúne a aristocracia fundiária, os conservadores. O país se torna independente de fato em 1838. Manágua é escolhida a capital em 1957, através de um acordo entre Leonistas e Granadenses.

Os conservadores governaram o país na segunda metade do século XIX até a vitória liberal nas eleições de 1893, que coloca como presidente José Santos Zelaya. Zelaya é acusado de instaurar uma ditadura no país e, em 1909, a Nicarágua recebe a primeira intervenção militar estadunidense. Sob pressão, Zelaya renuncia e o poder volta para a mão dos conservadores em 1911. Essa seria a primeira

intervenção do exército dos Estados Unidos no país. As tropas invadiriam novamente em 1912 e 1914, permanecendo no país até 1933.

Em 1926, o general liberal José Maria Moncada cria o Exército Constitucionalista para combater os conservadores e os soldados estrangeiros. Por esta época, o jovem Augusto Cesar Sandino, que estava vivendo no México, retorna à Nicarágua. Trabalhando em uma mina, Sandino organiza um pequeno grupo armado. Em seguida, se integra com seus homens ao Exército Constitucionalista. Quando Moncada aceita um acordo com o governo estadunidense para a deposição de armas discordando da posição, Sandino leva um grupo de soldados para as montanhas, com o intuito de organizar uma guerrilha. Informações do Almanaque Abril de 2008.

É criado o Exército Defensor da Soberania Nacional. Em 1º de Janeiro de 1933, o EDSN obtém sua maior vitória, com a retirada das tropas estadunidenses. Em fevereiro, os sandinistas depõem as armas, após o presidente Sacasa aceitar a proposta de negociação de paz sem intervenção estrangeira.

Antes de retirar as tropas, o governo estadunidense criou a Guarda Nacional, que teria a tarefa de dar continuidade à defesa dos interesses estrangeiros e a dependência econômica do país. Para o comando da Guarda Nacional foi denominado Anastácio Somoza García. Em Fevereiro de 1934, Sandino é preso e fuzilado pela Guarda Nacional. Em 1961 é fundada a Frente Sandinista de Libertação Nacional. Inspirada nas ideias e nas lutas de Augusto Cesar Sandino, foi criada, entre outros, por Carlos Fonseca Amador, Tomás Borge Martinez e Silvio Mayorga.

Em 1936, Anastácio Somoza García é eleito presidente – em eleições suspeitas de fraude - cargo que ocupa até seu assassinato. Em 1956, Somoza Garcia é morto pelo poeta Rigoberto López Peres com um tiro em uma festa. Desta forma, seu lugar é assumido pelo filho mais velho, Luis. Esta é a primeira transição familiar de poder entre os Somoza. O poder da família Somoza não era apenas político, mas também econômico: eram proprietários de fazendas, companhia de aviação, de navegação, diversas fábricas, um patrimônio que só crescia.

Em seu livro Nicarágua: revolução em família, Shirley Christian descreve o papel de Luis Somoza durante seu mandato:

“Luis, um tipo condescendente, preocupado com a imagem do regime, tomou várias medidas para liberalizá-lo e anunciou que só cumpriria um mandato. Seu candidato escolhido a dedo, René Schick, concorreu às eleições seguintes, em 1963, e naturalmente venceu” (CHRISTIAN, 1985, p. 42)

Nas eleições seguintes, em 1967, o filho mais novo de Somoza Garcia, Anastácio II, conhecido como Tachito, se candidatou à presidência, vencendo as eleições.

Um dos principais adversários políticos da família Somoza era Pedro Joaquin Chamorro Cardenal, dono do jornal La Prensa, o de maior circulação no país. O jornal, que fazia forte oposição ao regime dos Somoza, chegou a sofrer censura em diversos períodos. Na década de 1970, Tachito citava como exemplo da tolerância do governo o fato de o jornal ainda poder circular.

Em 1972, um episódio contribuiu para a descrença da população em Somoza. O país foi atingido por um terremoto que devastou parte do país, matando cerca de 10 mil pessoas. A ajuda internacional enviada à Nicarágua foi desviada por Somoza. O estopim da mobilização anti-somocista foi o assassinato de Pedro Joaquin Chamorro Cardenal, em janeiro de 1978. A execução piorou ainda mais a situação de crise e descontentamento de massa em relação à dinastia Somocista, que já durava mais de quarenta anos.

A burguesia anti-somocista convocou uma greve geral, de pouco efeito. Entretanto, a mobilização popular no enterro de Chamorro reuniu cerca de 50 mil pessoas. Após a missa de um mês de falecimento, nova mobilização, que desencadeou um conflito no bairro de Monimbó, em Masaya. A população combateu a Guarda Nacional durante onze dias.

Em agosto, um comando Sandinista invade e ocupa o Palácio Nacional, sede do poder legislativo. Em setembro, inicia-se uma nova insurreição, iniciando em Matagalpa e se estendendo por Masaya, Chinadega, León e Estéli, algumas das principais cidades do país. Os Sandinistas se retiram para as montanhas para organizar aquela que seria a ofensiva final.

Em abril de 1979, as forças sandinistas fazem uma investida com sucesso em El Jícaro que fortalece o grupo. Derrotas ao sul e o assassinato de várias lideranças em León enfraqueceram os sandinistas. Entretanto, em maio, a FSLN começa a treinar a população para a formação das milícias populares, que seriam decisivas na vitória sandinista. Em junho, a Frente convoca uma greve geral. Em seguida é dada

a ordem para as frentes de batalha intensificarem suas ações, mantendo a Guarda Nacional entrincheirada nos próprios quartéis.

Acuado, Somoza ordena bombardeios aéreos sobre os bairros periféricos das cidades dominadas pela FSLN. A Frente organiza a retirada de cerca de seis mil pessoas das áreas de maior risco. O exército estadunidense envia helicópteros via Costa Rica, mas o governo deste país exige a retirada dos estadunidenses. Em reunião extraordinária da Organização do Estados Americanos, os EUA propõe a criação de uma força de paz, mas nenhuma país apoia. Diversos países do continente rompem com o governo de Somoza.

O próximo episódio definitivo do confronto, foi o assassinato do jornalista Bill Stewart, da rede ABC, dos Estados Unidos, por um soldado da Guarda Nacional. O fato contribuiu para que a população estadunidense se pusesse também contra o apoio de seu governo a Somoza.

Em 17 de julho, Anastacio Somoza II improvisa uma cerimônia, onde passa a faixa presidencial para o presidente do Senado, Urcuyo Maleaños, e foge para Miami. Horas depois, Maleaños também deixa a Nicarágua. Uma junta, formada por sandinistas e liberais, é nomeada para governar o país. No dia 20 de julho de 1979, a junta e os sandinistas chegaram finalmente a Manágua.

A junta expropria bens da família Somoza, nacionaliza os bancos e estatiza cerca de 40% da economia. Em 1980, os liberais Violeta Chamorro (viúva de Pedro) e Alfonso Robelo deixam a junta e passam à oposição. No ano seguinte, os EUA suspendem a ajuda econômica à Nicarágua, sob acusação de apoio às guerrilhas de El Salvador. Em 1984, Daniel Ortega, sandinista, é eleito presidente na primeira eleição pós-revolução. O resultado não é reconhecido pelos EUA, que decretam embargo econômico no ano seguinte.

Em 1990, Violeta Chamorro, da União Nacional Opositora (UNO) vence as eleições presidenciais. Seu governo é acusado de não investigar casos de corrupção e de não indenizar os proprietários das terras expropriadas pelos sandinistas. Em 1993, Violeta rompe com a UNO. Nas eleições de 1996, vitória conservadora de Arnoldo Alemán, da Aliança Liberal (AL), que devolve parte das terras expropriadas.

Em 1998, a passagem do furacão Mitch destrói parte do país, deixando de cerca de 3 mil mortos e 600 mil desabrigados. Para auxiliar na reconstrução, o Banco Mundial reduz a dívida externa nicaraguense.

Em 2001, Enrique Bolaños, do Partido Liberal Constitucionalista (PLC), é eleito presidente. O ex-presidente Alemán é condenado a 20 anos de prisão pelo desvio de 100 milhões de dólares durante seu mandato.

Em 2004, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial cancelam parte da dívida externa do país. No ano seguinte, a Assembleia Nacional aprova um acordo de livre comércio com os EUA. As eleições de 2006 são marcadas pelas manobras do embaixador estadunidense Paul Trivelli para tentar impedir que o sandinista Daniel Ortega retornasse ao poder. Mesmo assim, Ortega vence o conservador Eduardo Montealegre. Na cerimônia de posse, o novo presidente anuncia a integração da Nicarágua à Alternativa Bolivariana das Américas (ALBA). Em 2011, Daniel Ortega é reeleito com ampla maioria de votos.

4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Neste capítulo faço um resumo do método de análise de conteúdo, história, conceito e método. Para isso, utilizo o capítulo sobre análise de conteúdo do livro *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. Primeiramente, faço um breve apanhado da história e dos aspectos conceituais para, em seguida, descrever o método.

4.1 HISTÓRIA

Segundo Wilson Correa da Fonseca Júnior (2006), “a Análise de Conteúdo (AC), em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa.” O autor considera que este método se adapta bem aos estudos de comunicação desde os primeiros trabalhos da *communication research*, estudos culturais, de recepção entre outros.

A análise de conteúdo vem sendo utilizada desde o século XVIII. Podemos citar como caso precursor uma análise, feita pela corte suíça, de uma coleção de 90 cânticos religiosos anônimos chamada *Os Cantos de Sião*. Entretanto, este método passou a ser utilizado regularmente no início do século XX, por diversos campos do conhecimento como as ciências políticas, a psicologia, a crítica literária, a sociologia e os estudos da comunicação de massa. O status desse método de pesquisa passou por períodos cíclicos de reconhecimento – durante a segunda guerra, por exemplo - e de desqualificação – na década de 1970, entre os pesquisadores marxistas. Na década de 1990, a popularização da internet trouxe novamente o interesse pela análise de conteúdo, sobretudo realizada com auxílio de computador.

A análise de conteúdo provém do positivismo, corrente de pensamento presente em várias definições, como a de Bernard Berelson, de 1952, que a descreve como: “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

Essa característica está ligada à sua consolidação nos Estados Unidos como reação à antiga análise de texto, considerada excessivamente subjetiva. Atualmente, é considerada uma técnica híbrida, mesclando o formalismo estatístico e a análise quantitativa de materiais.

4.2 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS

O primeiro manual sobre a análise de conteúdo foi elaborado em 1948 por Berelson e Lazarsfeld, desde então os fundamentos conceituais vêm sofrendo revisões. Ainda assim é possível traçar os principais fundamentos da análise de conteúdo. Para Krippendorff as três características fundamentais são: orientação fundamentalmente empírica; transcendência das noções normais de conteúdo, enriquecendo-as com as idéias de mensagem, canal, comunicação e sistema; e metodologia própria.

O mesmo autor define seis marcos de referência necessários ao pesquisador que deseja utilizar a análise de conteúdo: os dados, tais como se apresentam ao analista; o contexto dos dados; o conhecimento do pesquisador; o objetivo da análise de conteúdo; a inferência como tarefa intelectual básica; a validade como critério de sucesso.

4.3 MÉTODO

O autor se baseia na concepção metodológica de Laurence Bardin (1988), que estrutura o método de análise de conteúdo em cinco etapas:

4.3.1 Organização Da Análise

A análise de conteúdo se organiza em três fases cronológicas: pré-análise, planejamento do trabalho, sistematização de idéias; exploração do material, a análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação; tratamento dos resultados obtidos e interpretação; e tratamento dos resultados brutos de modo a serem significativos e válidos.

A pré-análise é apontada como uma das fases mais importantes da análise de conteúdo. É nela que se configura a organização da análise, escolhem-se os documentos a serem analisados, formulam-se hipóteses e objetivos. Krippendorff (1990) acredita que o primeiro passo seja estabelecer um objetivo de pesquisa, já Bardin (1988) acredita no processo inverso, começando com uma *leitura flutuante* dos documentos a serem analisados para deles extrair alguma ideia interessante.

Krippendorff organiza em seis categorias as aplicações da análise de conteúdo relacionadas por Berelson (1950) e agrupadas por Janis (1965):

- a) Sistemas: o enfoque sistêmico permite ir além dos dados disponíveis, para outros estados de coisas ainda desconhecidos;

- b) Normas: a análise de conteúdo permite verificar a relação entre as mensagens e as normas preestabelecidas;
- c) Índices e sintomas: a importância do índice depende do quanto se possa considerá-lo correlato de outros fenômenos;
- d) Representações linguísticas: a maioria dos analistas de conteúdo se limita aos cálculos a partir de dados linguísticos, não dando atenção às implicações da linguagem;
- e) Comunicações: a troca de mensagens em um determinado contexto, transforma as relações entre as pessoas envolvidas. A análise das comunicações contribui na explicação de causas e efeitos inerentes a essa mediação simbólica;
- f) Processos institucionais: as mensagens podem exercer funções dentro de organizações e instituições sociais, pois, a existência dessas é impensável sem formas regulares e normais de comunicação.

O próximo passo do processo é a definição dos documentos que serão submetidos à análise: a constituição do *corpus*. Bardin e Barros e Targino estabelecem as principais regras para a constituição do *corpus*:

- a) Regra da exaustividade: todos os documentos relativos ao assunto e dentro do período estabelecido devem ser considerados.
- b) Regra da representatividade: quando o universo de elementos é tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade, faz-se necessários trabalhar com amostragem.
- c) Regra da homogeneidade: os documentos devem ser da mesma natureza, do mesmo gênero ou se reportarem ao mesmo assunto. Além disso, documentos de uma mesma natureza podem ser subdivididos.
- d) Regra da pertinência: os documentos precisam estar de acordo com os objetivos da pesquisa em todos os aspectos: objeto de estudo, período de análise e procedimentos.

4.3.2 A Codificação

Entende-se por codificação a transformação de dados brutos de forma sistêmica, segundo regras de enumeração, agregação e classificação, esclarecendo

as características do material escolhido. É imprescindível uma boa pré-análise para o funcionamento desta etapa. A codificação se divide em três fases: o recorte, a enumeração e a classificação e agregação.

4.3.2.1 A escolha das unidades de registro e de contexto

a) unidades de registro: partes de uma unidade de amostragem determinada na etapa de constituição do corpus. Alguns teóricos incorporam aqui as *unidades de enumeração*, ou *unidades espaço-temporais*.

b) unidades de contexto: muitas vezes, a compreensão correta das unidades de registro exige uma referência ao contexto e que estas estão incluídas.

4.3.2.2 A escolha das regras de enumeração

Modo de quantificação das unidades de registro que levarão ao estabelecimento de índices. Krippendorff localiza três índices nas pesquisas sobre comunicação de massa: *freqüência*, costuma servir como medida de *importância*, *ênfase* ou *atenção*; equilíbrio na quantidade de atributos *favoráveis* ou *desfavoráveis*, como medida de *orientação* ou *tendência*; a quantidade de associações e de classificações, como medida de *intensidade* ou *força* de uma convicção, crença, motivação.

4.3.3 A categorização

Esta etapa consiste na classificação e no reagrupamento das unidades de registro em categorias, de modo a tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade. Bardin (1988) considera que os critérios de categorização podem ser *semântico* (categorias temáticas), *léxico* (classificação das palavras segundo seu sentido), *sintático* (verbos, adjetivos) e *expressivo* (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem, por exemplo). A mesma autora divide em duas etapas o processo de categorização: o *inventário*, que consiste em isolar o elemento, e a *classificação*, que consiste em repartir os elementos em grupos similares.

Bardin (1988) e Barros e Targino (2000) consideram que uma boa categorização necessita das seguintes características:

- a) exclusão mútua: um elemento não pode ser incluído em duas categorias diferentes;
- b) homogeneidade: uma categoria só pode conter unidades de registro de uma mesma natureza;
- c) pertinência: o sistema deve refletir as intenções da investigação;
- d) objetividade e fidelidade: os procedimentos precisam ser objetivo, garantindo a fidelidade dos resultados em caso de repetição;
- e) produtividade: o conjunto de categorias deve fornecer resultado férteis em índices de referência, dados e novas hipóteses.

4.3.4 Inferência

É o momento mais fértil da análise, estando centrado nos aspectos implícitos da mensagem. Esse procedimento serve para descobrir as condições de produção das mensagens, ou seja, o contexto psicológico, sociológico e cultural. Para isso, é necessário articular a superfície do texto e os fatores que determinam essas características. As variáveis de inferências podem ser agrupadas em:

- a) inferências específicas: vinculadas à situação específica o problema investigado.
- b) inferências gerais: vão além da situação específica, requerendo outros dados do contexto.

Bardin (1988) enumera alguns dos tipos possíveis de inferências como a inteligências, a facilidade de comunicação, origem racial, ansiedade, agressividade, hábitos linguísticos do emissor, concepções ideológicas da sociedade, estereótipos sociais, representação de tipos e papéis sociais, etc.

4.3.5 Tratamento informático

Desde a década de 1950, tornou-se frequente o uso de computador na análise de conteúdo. Krippendorff (1990) considera que a evolução dos softwares

tornou o computador mais eficaz no processamento de dados alfabéticos. Atualmente, são três as espécies principais de utilização na análise de conteúdo: análises estatísticas, auxílio nos estudos e descobertas e análise de conteúdo por computador. Bauer (2002) identifica três correntes básicas para o processamento de materiais textuais:

- a) palavra-chave fora do contexto: o computador agrupa as palavras em conceitos definidos por uma série de símbolos. A limitação desta corrente é que cada palavra responde a apenas um conceito, sendo que as palavras são ambíguas.
- b) palavra-chave dentro do contexto: considera as palavras-chave em seu contexto, utilizado para análise de co-ocorrências, pares de palavras freqüentes no *corpus* da análise, e concordância, lista de palavras associadas a seus respectivos contextos.
- c) software para análise de dados quantitativos com auxílio do computador: comporta a etiquetagem, codificação e indexação de texto, permitindo a segmentação, ligação, ordenação e reordenação, estruturação e a busca e a representação de textos.

4.4 TÉCNICAS

O autor enumera as principais técnicas utilizadas pela análise de conteúdo, a partir das definições de Bardin (1988) e Barros e Targino (2000):

- a) Análise categorial: a técnica mais antiga e mais utilizada, consiste no desmembramento do texto em categorias, segundo agrupamentos analógicos.
- b) Análise de avaliação: serve para medir as atitudes do interlocutor em relação aos objetivos manifestos. Parte do princípio de que a mensagem se baseia e reflete o emissor.
- c) Análise de enunciação: apóia-se na concepção de discurso como palavra em ato. Não considera o material de estudo como *dados* e sim como um *processo*.

- d) Análise de expressão: parte do princípio de que existe uma relação entre o tipo de discurso e as características do locutor e de seu meio. Considera os traços pessoais do locutor, prima pelo *formal* (significantes), não pelo *semântico* (significados).
- e) Análise de contingência ou análise associativa: da menor importância à quantidade de vezes que determinadas palavras, prendendo atenção a como estão organizadas, com o que se associam.
- f) Análise estrutural: se baseia na linguística estrutural, parte do pressuposto de que todo texto é uma realidade estruturada que não se revela pelo conteúdo manifesto, pois se encontra implícita.
- g) Análise de discurso: busca ligações entre as condições de produção do discurso e sua estrutura, considera que o discurso é determinado pelas condições de produção e um sistema linguístico.

5 REPRESENTAÇÕES DE UMA NICARÁGUA EM GUERRA

A partir das considerações do capítulo “O livro-reportagem”, podemos considerar *Nicarágua, a revolução das crianças* se enquadra neste conceito, pois é um veículo jornalístico aperiódico que reúne uma grande massa de informação contextualizada, complementando o trabalho da imprensa cotidiana através de um maior aprofundamento. Este aprofundamento é mais intensivo do que extensivo, ou seja, ainda que o autor traga dados e informações diversas sobre o país e o conflito, o aprofundamento se dá através do mergulho do repórter na realidade. A taxa de conhecimento do leitor é aumentada mais qualitativa que quantitativamente, através dos relatos pessoais e das descrições de lugares e pessoas.

Este livro contraria a lógica proposta por Lima, de que uma pauta “mal-administrada conduz a matéria a terrenos pouco férteis” (LIMA, 1993b, p.59). Caco Barcellos viaja às pressas para Manágua e o fato de não ter uma pauta bem definida e bem “administrada” é justamente o que lhe dá tanta liberdade na captação das informações que utiliza no livro. Das liberdades de pauta do livro-reportagem propostas por Lima, destaco a liberdade de fontes, pois o repórter enriquece a apuração com uma ampla gama de pessoas, e a liberdade de angulação, que permite que o repórter utilize diversos ângulos ao longo da captação, os quais utilizo na divisão dos períodos.

Para analisar o livro *Nicarágua, a revolução das crianças*, de Caco Barcelos, utilizo categorias temáticas divididas em eixos de análise (A Ditadura, O povo, A guerrilha e A imprensa), havendo também categorias independentes dos eixos. A divisão fica desta forma:

- Categorias independentes: Lugar, Relato Pessoal, Dados, Situação do conflito, Operação Massacre, Operação Terra Arrasada e Armamento.
- A ditadura: Guarda Nacional, Soldados, O ditador, FAN, EEBI.
- A guerrilha: Guerrilheiros, FAS, Ataques psicológicos.
- O povo: Crianças, homens, mulheres.
- A imprensa: Correspondentes de guerra, Imprensa local.

Resta ainda uma categoria de análise que não se encaixa necessariamente nesta classificação: os personagens são variáveis, há personagens vinculados a todos os eixos.

Procedo na análise do livro em duas etapas. Primeiro, proponho uma divisão do tempo de captação do repórter em períodos, são eles: Fui pra Manágua!, Cobertura de guerra padrão, Cobertura de guerra sem ar condicionado, Nas mãos da guerrilha, De braços com a guerrilha, Revolução Vitoriosa e A partilha do bolo.

Esta divisão se dá principalmente a partir da angulação do repórter, mas também leva em conta a evolução do conflito, afinal, esta interfere na primeira. Para esta divisão, utilizo as categorias temáticas independentes. É importante frisar que esta divisão não se baseia necessariamente na cronologia, por não ser o objetivo do trabalho e por não haver, no livro, suporte para uma exatidão cronológica dos fatos. Primeiro porque o autor não informa a data de todos os acontecimentos. Segundo, e principalmente, porque há conflitos nas datas informadas pelo próprio autor. Exemplifico: na página 38, o dia da chegada do repórter à Nicarágua é 19 de junho; em outro trecho, na página 109, ele afirma ter chegado à cidade de Leon no dia 18; ainda em outro momento, na página 13, o décimo dia de estada na Nicarágua é contado no dia 26 de junho, para tal, a chegada teria que ter ocorrido no dia 17.

No segundo momento, analiso como o autor representa os lados envolvidos no conflito - através dos eixos de análise - e as consequências do conflito nas vidas das pessoas envolvidas - através dos personagens - em cada um destes períodos.

5.1 FUI PRA MANÁGUA!

“Foi em Nova York, a mais de dois mil quilômetros da Nicarágua, que fiz as primeiras entrevistas com pessoas envolvidas na guerra. Era a madrugada de 17 de junho de 1979, apesar de um temporal, a ligação telefônica internacional estava perfeita.” (BARCELLOS, 1982, p. 36)

Caco Barcellos estava morando em Nova Iorque com a esposa Avani e o filho Ian de 3 anos. Trabalhava como garçom em um local chamado Old Stand há cerca de duas semanas quando os representantes sandinistas em Nova Iorque anunciaram a “ofensiva final”. O repórter fez três telefonemas para a Nicarágua: uma combinação aleatória de números, um hospital e um familiar de Somoza. “Cada conversa não durou cinco minutos, mas foi o suficiente para decidir-me a viajar às pressas para a Nicarágua.” (BARCELLOS, 1982, p. 36).

Aqui já temos um primeiro sinal da liberdade de fontes, característica do livro-reportagem. Ao longo do livro, esta característica fica mais clara, o repórter cita como fontes representantes do governo, soldados de ambos os lados, pessoas do povo, enfim, há uma preocupação do jornalista em ouvir diversas pessoas com envolvimento diferentes com o conflito.

Caco desembarcou com sua esposa, Avani, fotógrafa, em Manágua. Tinham apenas 400 dólares, algumas peças de roupas e alimentos que julgavam suficientes para um mês, mas que visivelmente não eram. “Na verdade, já estávamos na emergência desde o momento em que descemos em Manágua.” (BARCELLOS, 1982, p. 38). Viajavam como repórteres independentes. “Esperava vender reportagens para jornais de meu país, mas, ao chegar no Hotel Intercontinental, vi que havia representantes da imprensa brasileira.” (BARCELLOS, 1982, p. 38).

Logo de chegada, Caco e Avani se hospedam no Hotel Intercontinental, dividindo o quarto com o radialista Alexandre Kadunc, para reduzir as despesas. Apesar do pouco dinheiro, escolheram este hotel “por questões de segurança”. Nesta decisão, identifico a primeira escolha de ângulo do repórter. Aqui começa o próximo período da análise.

5.2 COBERTURA DE GUERRA PADRÃO

Caco permanece hospedado no Intercontinental, “quanto às refeições, não comíamos. Tomávamos um café da manhã ou um ‘café da noite’”, “Quanto ao transporte, nossa única opção era a carona no carro dos jornalistas”, “A maior dificuldade, porém, era a transmissão de matéria”. (BARCELLOS, 1982, p. 38)

“Mas nem tudo era miséria. Os jornalistas americanos, por exemplo, ocupavam quase todo sétimo andar. Quase todos os dias, um avião trazia a eles um carregamento de sanduíche, hambúrguer, bombom, chocolate, uísque, cerveja e coca-cola. Insaciáveis, também participavam das três refeições regulares do hotel: café, almoço e janta.” (BARCELLOS, 1982, p.38)

Apesar das dificuldades pessoais do repórter, o clima na chegada é tranquilo. A situação de estabilidade começa a mudar já na manhã seguinte. A Guarda Nacional distribuiu um comunicado sobre a morte do repórter Bill Stewart, da televisão ABC, dos EUA.

5.2.1 Bill Stewart

“Não conhecia Bill pessoalmente. Vi-o duas ou três vezes no bar bebendo uísque, e nos corredores do hotel. Andava de cabelos bem penteados, camisa limpíssima, gola engomada. (...) Sérgio Motta Melo, repórter da TV Globo, havia feito um comentário sobre ele: Bill entendia pouco sobre a realidade da América Central, e, meio ingênuo, reclamava aos colegas a falta de contato pessoal com Somoza.” (BARCELLOS, 1982, p. 39).

Por não conhecer pessoalmente este personagem, o autor o descreve a partir de comentários de colegas, das impressões à primeira vista e da reportagem veiculada pela ABC em razão da sua morte.

“Bill aparecia amável, entrevistando um guarda que tocava violão, em seguida falava do ambiente numa zona de combate. A cena seguinte era Bill de joelhos, braços abertos (antes de sair da perua ele disse que saberia convencer os soldados para passar adiante), Bill deitado de bruços, humilhado (ele não sabia uma palavra sequer em espanhol), de rosto contra o chão, recebendo o pontapé (e os três colegas dentro da perua a filmar friamente a cena), as mãos de Bill cobrindo os ouvidos e, finalmente, o tiro na cabeça.” (BARCELLOS, 1982, p. 39).

Morrendo, Bill Stewart torna-se um personagem importante. Sua morte representa uma primeira ameaça à segurança da imprensa, o que leva muitos jornalistas a deixarem o conflito. A descrição do autor sugere um repórter completamente despreparado para a guerra: além de ingênuo, não tinha conhecimento da região ou do idioma.

5.2.2 A Ditadura

Na entrevista coletiva sobre a morte do repórter Bill Stewart,

“O ditador estava visivelmente abatido, ou fingia sofrer, penalizado pela morte do americano. Logo americano, povo a quem ele tanto estimou e que sempre o protegeu. (...) Pálido, trêmulo, Somoza ouviu todas as denúncias quase calado. Parecia humilhado, arrependido.” (BARCELLOS, 1982, p. 41).

Mas rapidamente seu humor muda, “ele saiu da sala furioso porque um repórter o chamou de general – o ditador gostava que o chamassem de presidente.” (BARCELLOS, 1982, p. 41).

“Na manhã seguinte, às sete horas, as investigações da Guarda Nacional sobre o assassinato de Bill Stewart estavam praticamente concluídas. Como sempre, Somoza teve o cuidado e o cinismo de apresentar o suspeito à imprensa (...) Era evidente que o suspeito (...) tinha declarado uma mentira ensaiada, um teatrinho. Uma prova do desprezo que Somoza sentia por suas vítimas.” (BARCELLOS, 1982, p. 42).

5.2.3 A imprensa

“[...] À tarde fui conhecer Somoza pessoalmente. Não estava credenciado oficialmente (a Guarda Nacional me negou a credencial por ser repórter independente), mas não tive problemas para entrar no *Bunker*. Passei pelo portão no meio dos outros jornalistas, mais de cem correspondentes estrangeiros, revoltados e ansiosos por uma discussão cara a cara com o ditador. Mas o que aconteceu a seguir era mais uma *coletiva*, que Somoza nos dava quase diariamente.” (BARCELLOS, 1982, p. 39)

Nesta fase, a relação da imprensa com a ditadura é estável, há entrevistas coletivas e até certa facilidade de burlar a segurança sem credenciamento. Esta estabilidade acaba com a morte de Bill Stewart. Na coletiva, os jornalistas entregam um documento a Somoza.

“O documento o acusava de mentiroso por ter divulgado pela Rádio Difusora que um franco-atirador sandinista teria matado Bill Stewart. Era também uma forma de protesto por ele nos acusar, publicamente, de sermos agentes de uma grande rede de informação, a serviço do comunismo internacional.” (BARCELLOS, 1982, p. 40)

No momento da decisão dos jornalistas de deixar o país, o autor descreve os motivos apontados por cada um. Este trecho é importante porque mostra a situação psicológica dos correspondentes de guerra no primeiro momento em que a segurança da imprensa se vê ameaçada.

“O jornalista Sergio Mota Mello decidiu sair no momento em que assistiu a morte de Bill no ‘estúdio’ dos americanos. Ainda não decidido, o correspondente Waldir Dupont chorou duas vezes naquele dia: ao ver Bill com a cabeça mutilada e numa conversa

telefônica com o pai, residente no México. Profissional emotivo não aguentava mais a guerra e suas cenas sanguinárias. O companheiro de trabalho de Waldir, o fotógrafo Pedro Martinelli, parecia decidido a ir embora. O momento era crítico, o ditador poderia renunciar a qualquer momento, por exemplo. Mas a ordem da redação de Waldir e de Pedro era clara: sair do país o quanto antes. Pedro Martinelli é profissional há doze anos, casado, 29 anos:

-Decidi sair porque não há condições mínimas de trabalho. E porque não aguento mais ouvir gente chorando, povo desesperado. Antes da morte eu já estava decidido. Só não morri por milagre.” (BARCELLOS, 1982, p.41)

Este é o primeiro movimento de retirada dos jornalistas. No momento a situação do conflito é a seguinte:

“As principais cidades do país, Leon, Granada, Matagalpa, Masaya, Peñas Blancas, já pertenciam total ou parcialmente aos sandinistas. Mas, na capital, os combates eram a cada hora mais intensos e difíceis. Mais de cem mil pessoas já haviam fugido de Manágua, e continuavam a fugir. Mas decidi ficar.” (BARCELLOS, 1982, p. 42).

Após esta retirada, ficam 35 jornalistas no hotel e chega a notícia do bombardeio.

“Recebi a notícia do bombardeio durante o coquetel de aniversário da fotógrafa Susan Meiselas, da agência americana Magnum. Quase todos os 35 estavam ali, na festa, em volta da piscina. Muitos ficaram fora de si. [...] Não havia mais tempo para procurar lugar seguro. Teríamos de permanecer no hotel durante o bombardeio. [...] Alguns jornalistas preferiam a sala de telex, outros a sala dos telefones: queriam ser os primeiros a transmitir as notícias do bombardeio.” (BARCELLOS, 1982, p.43)

Apesar do pânico dos hóspedes do hotel, a operação não passou de um ataque psicológico, as bombas “caíram provavelmente no lago Manágua, oitocentos metros longe dali.” (BARCELLOS, 1982, p. 46). No dia seguinte, a evacuação do Hotel Intercontinental: o segundo movimento de retirada dos jornalistas, “dezessete dos quais, inclusive minha mulher, retirados do país no dia seguinte, nos aviões que os Estados Unidos enviaram. Meu nome também constava na lista, mas na última hora resolvi ficar.” (BARCELLOS, 1982, p. 46).

O assassinato de um jornalista pelas forças do governo deixa claro que a imprensa não está a salvo em meio à guerra e mais, que a relação com a ditadura

não é mais tão tranquila quanto antes. Em seguida, o ataque ao *Bunker* mostra que nem a própria ditadura está mais tão segura.

Durante a “cobertura de guerra padrão”, o repórter não relata nenhum contato com o povo da Nicarágua e as únicas referências à guerrilha, dizem respeito ao ataque ao Bunker, descrito de forma literária, com bastante detalhes, o que sugere que o autor tenha tido algum contato posterior com os envolvidos ou criado a cena.

5.2.4 A guerrilha

Poucos dias após a morte de Bill, “os sandinistas telefonaram avisando que, à noite, bombardeariam a área do QG de Somoza. Assim, o Hotel Intercontinental, a duzentos metros, tornara-se alvo de guerra.” (BARCELLOS, 1982, p. 43).

A descrição do ataque evidencia a desproporcionalidade de forças entre a guerrilha e a ditadura. A diferença é absurda:

“Inacreditável que esta avioneta frágil, usada na pulverização de plantações de algodão vá atacar a fortaleza blindada do ditador [...] um conglomerado de prédios baixos (com paredes reforçadas, à prova de balas e equipado com radar antiaéreo). [...] Bombas... O foguete mais potente da “força aérea” guerrilheira é um butijão de gás de cozinha, incrementado com material explosivo. Mais rudimentar ainda é a técnica de bombardeio da FAS. A bomba será jogada com as mãos (missão de Ângelo e Ariel), através de um buraco na lateral da avioneta. Apesar de tais métodos, tem dado bom resultado.” (BARCELLOS, 1982, p. 44)

5.2.5 Orlando Herrera

Orlando Herrera é o piloto da Força Aérea Sandinista no ataque ao Bunker. Ele tem dezoito anos de experiência em aviação civil, o que é bastante diferente das ações guerrilheiras que executa: voa acima dos limites legais de peso, escolhe um dia de intenso nevoeiro para despistar os radares e, além do bombardeio, se encarrega, na mesma operação, do abastecimento de munição às colunas guerrilheiras.

“Esta é a sétima missão de guerra de Orlando, desde o dia em que aderiu à FAS, Força Aérea Sandinista. [...] Confia na sorte. E tem boas razões. Das seis operações anteriores, aconteceram dois acidentes graves com Orlando, mas ele não sofreu sequer um arranhão.” (BARCELLOS, 1982, p. 44)

A importância do personagem Orlando está simplesmente no fato de ele ter a função que tem: um dos principais pilotos da guerrilha, se houverem outros, é profissional de aviação civil; voa em uma avioneta totalmente inadequada, utilizada em plantações de algodão; não teria condições de revide em caso de um conflito com os muitos aviões da Força Aérea da Nicaraguense; faz um ataque às cegas, errando longe o alvo. Ainda assim, apesar de todas as dificuldades e já tendo sofrido dois acidentes graves em apenas seis operações, “Orlando está confiante” (BARCELLOS, 1982, p. 44). A confiança de Orlando demonstra a motivação dos guerrilheiros em combate. As condições são precárias, a luta é completamente desigual, mas existe esta confiança, essa crença na vitória que os mantém lutando.

Este período é classificado como “cobertura de guerra padrão”, pois, apesar das dificuldades que o repórter passa em função de ser um jornalista independente, o contexto em que está inserido é um contexto de cobertura padrão, afinal: ele está hospedado em um hotel, que acaba funcionando como centro de imprensa; conta com uma estrutura de trabalho adequada, com telex e telefone; há uma relativa segurança, afinal, o Hotel Intercontinental era o hotel onde ficavam os protegidos da ditadura: parentes, funcionários e ministros de Somoza; existe certo formalismo no trabalho de captação do repórter, quase restrito ao hotel e às coletivas; há certa facilidade em burlar a segurança de uma entrevista coletiva, estando sem credencial; e, por fim, os jornalistas estadunidenses têm um andar inteiro, equipamento e um avião que entrega laticas e bebidas em meio à guerra.

Neste ponto, com a saída do Intercontinental, a angulação do repórter começa a mudar, ainda que mais em consequência do conflito que por opção. Outra mudança de ângulo se dará mais adiante, esta por decisão do repórter e muito mais significativa.

“Mas assim como a morte nos ameaçava a todo instante, também havia sintomas de revolução vitoriosa e de paz iminente. Bastava sair às ruas para se perceber. O povo, aqueles revolucionários miseráveis e esfarrapados, continuava entusiasmado, a ajudar os

sandinistas. Era evidente: só abandonaria as armas depois de derrubar o ditador. Muito sangue ia correr ainda.” (BARCELLOS, 1982, p. 42)

À medida que o conflito se torna mais violento, se aproxima o principal fato jornalístico da cobertura: a queda do ditador. Neste momento, a maioria dos jornalistas deixa a Nicarágua. Caco Barcellos decide ficar.

Aqui acaba o ar condicionado.

5.3 COBERTURA DE GUERRA SEM AR CONDICIONADO

“É minha primeira experiência *de dentro* numa zona de combate. As cenas me causam medo e espanto. [...] Nas últimas horas esquecera de ser repórter. Pensava e sobrevivia, mais nada, desde que conheci Herrera pela manhã na embaixada. [...] Era impossível, mas estranhava ficar isolado das informações da guerra. Sentia falta do telefone, da pensão. De lá, a qualquer momento poderia conversar com alguém. Queria saber se ainda havia algum repórter trabalhando em Manágua.” (BARCELLOS, 1982, p. 29)

Mesmo estando hospedado na pensão, o repórter não relata nenhum momento passado nesta. Poucos dias após a evacuação do Hotel Intercontinental, tem início a *operação massacre*. Nos relatos deste período, o repórter está na casa do amigo jornalista Herrera, no bairro de Dom Bosco.

Aqui a “cobertura de guerra sem ar condicionado” se mostra também uma cobertura sem comunicação, o repórter está isolado do restante da imprensa e sequer sabe se resta algum correspondente na cidade. As notícias que obtém do conflito vêm das duas rádios que operam durante a guerra: a Rádio Difusora Nacional, pró-ditadura, e a Rádio Sandino, pró-guerrilha. Além disso, sua saúde também começa a dar respostas ao tratamento de guerra. “A alimentação começa a preocupar-me: *o café da manhã é manga, o almoço manga e o jantar, manga*. Fiquei doente: diarreia crônica.” (BARCELLOS, 1982, p. 49)

“Há mais de duas semanas Somoza anuncia o massacre total destes focos guerrilheiros na ‘zona oriental’ de 120 mil habitantes. A Cruz Vermelha da Nicarágua contou cinco mil cadáveres nos últimos cinco dias.” No dia 25 de junho de 1979 tem início a *operação massacre*.

“Pela primeira, desde o começo da guerra, a Guarda Nacional utiliza em uma única operação quatro aviões push-pull, de fabricação israelense, um jato T-33, e helicópteros que jogam bombas de 230

quilos, capazes de destruir seis casas de uma só vez.”
(BARCELLOS, 1982, p. 10)

O primeiro parágrafo do livro descreve a situação de Caco Barcellos no bairro de Dom Bosco, no segundo dia da operação massacre.

“Este bairro está em chamas e, há 80 horas, sob combates sem trégua. A última bomba caiu aqui perto. Mesmo ensurdecido pela explosão ainda ouço o barulho do morteiro e das paredes desabando. O pipocar da metralhadora ponto 50 anuncia que a Guarda nacional anda próxima. São 21 horas de uma terça-feira, 26 de junho, e escrevo na casa de um jornalista nicaraguense.”
(BARCELLOS, 1982, p. 9)

O jornalista ao qual o autor se refere é Herrera, repórter de uma rádio de Manágua, fora do ar desde o começo da guerra. Eles se conheceram na frente da embaixada dos Estados Unidos, quando tentavam entrevistar o embaixador. “Pelo volume de informação que esse excepcional repórter possuía, percebi que ele conhecia a cidade profundamente, e era um dos poucos que haviam percorrido o local dos combates nas últimas 72 horas.” (BARCELLOS, 1982, p. 16)

5.3.1 Herrera

“É uma figura magra, veste calça de tergal com cintura baixa e cinturão de couro, uma blusa de malha marrom desbotada, de manga curta, colante nos seu braço musculoso e nos ombros largos. De costas, Herrera parece meio desproporcional. A parte superior do corpo parece de um lutador de boxe, ou halterofilista. Embaixo é magro, meio raquítico. Um equilibrista. Como consegue se manter de pé, calçando um sapato torto, com a sola e o salto gastos na borda de fora?” (BARCELLOS, 1982, p. 27)

Este é o personagem com o qual o autor tem maior contato. A partir do momento em que conhece Herrera, Caco Barcellos passa a rodar pela cidade na carona do seu Toyota-70, apesar do aspecto demolido do carro – com marcas de bala e sem para-brisa -, apesar da pouca segurança transmitida pelo motorista e apesar do perigo de andar pela zona de combate. A relação destes dois repórteres funciona como uma troca mútua. De um lado, Barcellos ganha uma espécie de guia e passa a ter um contato mais próximo com o conflito, de outro, Herrera ganha a segurança da companhia de um repórter estrangeiro. Por mais que a Guarda

Nacional tenha assassinado Bill Stewart, ainda é mais seguro para um jornalista local andar acompanhado de algum “turista”, dessa forma, fica mais fácil passar pelas barreiras na estrada.

A descrição de suas ações demonstram frieza em situações como a retirada sandinista de Manágua, quando “socorreu doze feridos, já na fase de agonia. Assistiu à morte deles” (BARCELLOS, 1982, p. 64). Quando o autor narra uma ação armada em que Herrera toma parte, seu comportamento revela certo afobamento. No ataque, apesar do sinal combinado, “não se conteve e, sem esperar a buzina, fuzilou um soldado” (BARCELLOS, 1982, p. 32). Na cena em que o carro com os dois repórteres é parado em uma barreira em meio a um tiroteio, Herrera fica horrorizado e assim permanece mesmo quando a situação acalma e o perigo passa. Sua reação chega a causar espanto em Caco, um novato de guerra. “Lembro vagamente os detalhes do incidente. Jamais esquecerei, porém, os gritos de pavor de Herrera, sua palidez e a tremedeira, mesmo depois que os soldados pararam de atirar.” (BARCELLOS, 1982, p. 24).

Em alguns lugares e situações, o autor demonstra medo e chega a pedir diversas vezes para Herrera levar-lhe embora, como quando param à beira do lago Manágua, de onde se enxerga, em meio a uma paisagem destruída, os poucos prédios que sobreviveram ao terremoto de 1972.

“Antes do terremoto, a cidade se erguia a partir daqui. [...] A praia era uma passarela requintada, ponto turístico durante quarenta anos. Mas agora o Manágua virou um terminal de esgoto e lixo. E suas areias, depósito aberto das vítimas civis da ditadura.” (BARCELLOS, 1982, p. 23)

Apesar de querer se ver livre de Herrera, o autor reconhece a relação de interdependência que se estabeleceu entre eles. “É só seguir treze quilômetros em frente e eu estou livre de Herrera. [...] Pensei em deixar Herrera sozinho. Mas tive medo.” (BARCELLOS, 1982, p. 23)

Durante as andanças da dupla de repórteres, em uma barreira da Guarda Nacional, Caco Barcellos revela começar a suspeitar de Herrera, que demonstrava parcialidade e um possível envolvimento com a guerrilha. Quando a notícia da retirada sandinista de Manágua é confirmada, Herrera faz uma confissão que confirma as suspeitas anteriores de Caco Barcellos.

“Emocionado, entristecido com a retirada dos guerrilheiros, planejada para o dia seguinte, me contou histórias do seu envolvimento com a FSLN. Aquela mesma figura musculosa que datilografava com apenas dois dedos e varava madrugadas comigo, escrevendo matérias e operando o telex do Hotel Intercontinental, agora se revelava um miliciano e informante da revolução.” (BARCELLOS, 1982, p. 31).

Voltarei a tratar sobre este personagem no período “Revolução vitoriosa”, pois julgo necessário analisar as mudanças pelas quais passa Herrera deste momento para aquele.

Durante o percurso de carro pela zona de combate, Herrera leva o colega brasileiro para assistir a um “espetáculo interessante.” (BARCELLOS, 1982, p.17) Estavam ao lado do pátio do QG da Guarda Nacional, onde treinavam os novos soldados. Apesar da insistência de Caco, nervoso, para irem embora, o anfitrião fez questão de esperar o início dos treinamentos, quando se ouvia os gritos vindos lá de dentro.

“-Quem é tua mãe? – gritava um oficial da Guarda Nacional.
-Somoza! - respondiam os soldados em coro.
-Um, dois... Quem é teu pai?
-Somoza!
-Qual teu dever, soldado?
-Matar! Matar!” (BARCELLOS, 1982, p.17)

Outro local pelo qual passam é o campo de refugiados da Cruz Vermelha, improvisado em um mosteiro abandonado. Naquele cenário destroçado pelo qual já havia passado algumas vezes, o autor diz que a única coisa que o espantou foi ter encontrado vida humana. O local “abriga mil fugitivos de guerra. As pessoas se acomodam até nos corredores e escadarias. Não há sanitários, não há luz, a comida é pouca.” (BARCELLOS, 1982, p. 21) Além das condições precárias, os refugiados tiveram de passar por dois bombardeios da Guarda Nacional, que também os ataca por terra diariamente.

“O comboio surge ao anoitecer. Os soldados vêm em quatro jipes e selecionam suas vítimas em poucos minutos. [...] O povo facilita o trabalho do comboio porque é inútil tentar a fuga. Inútil e arriscado. Se alguém tentar fugir à vista dos soldados, a punição é pra quem fica.” (BARCELLOS, 1982, p. 21)

O repórter chega a pensar em ficar alguns dias no campo de refugiados, mas desiste pois tem medo de ser um dos escolhidos para os fuzilamentos diários. “Por que me fuzilariam? Por razão nenhuma. O ditador mata qualquer um. Mata os anônimos, os miseráveis, os loucos.” (BARCELLOS, 1982, p. 22)

5.3.2 Jarquin

As barreiras nas estradas, tanto da Guarda Nacional quanto dos sandinistas, eram rotina durante o conflito. Logo adiante, os dois jornalistas são parados em uma barreira da GN e são abordados pelo soldado Jarquin. “Meio criança, Jarquin tem apenas 14 anos. Tremendo de nervoso, agita o fuzil até para apontar a direção dos bairros em combate. Tem um radinho de pilha pendurado no peito, sintonizado na Difusora Nacional.” (BARCELLOS, 1982, p. 24)

O autor confessa no livro que só o entrevistou porque teve medo de ser morto por ele. Mesmo assim, a entrevista é interessante, pois este é o único personagem descrito no livro que é um soldado da Guarda Nacional e dá uma ideia do perfil dos combatentes da ditadura: a “revolução das crianças” é combatida, do outro lado, por outras crianças. Jarquin é um rapaz pobre, que viu nas forças armadas uma boa oportunidade, mas que ainda não recebeu um centavo e mal sabe identificar os tais comunistas que combate. Ainda assim, diz gostar da Guarda Nacional e do ditador. As respostas do soldado na entrevista reafirmam o discurso imposto aos recrutas durante o treinamento.

“Depois de dizer o nome tratando-me de senhor, Jarquin fica em posição de sentido. Os pés juntos, o corpo ereto e a cabeça um pouco erguida. A arma em posição oblíqua e encostada no peito, como se eu fosse um oficial do exército.

- Quem eram os sandinistas que você matou?
- Todos comunistas, bandidos, senhor.
- Como sabe que eram comunistas?
- Usavam lenço no pescoço, tinham cabelo grande...
- Você viu de perto, eram barbudos?
- Não vi muito bem, senhor. Mas sei que dois não usavam barbas. Usavam calça, túnica, máscara na cara, mas eram mulheres, senhor.
- Você gosta da Guarda Nacional?
- Gosto, senhor, porque aqui se ganha bom dinheiro. Jarquin ganhava cerca de 800 córdobas (Cr\$ 4.500).
- É ótimo salário, senhor. Mas até agora não recebi nada. Quase um ano e ainda não vimos nenhum córdoba, senhor.
- E o presidente, você gosta dele?

- É como um pai, uma segunda mãe. Nos dá roupa, nos dá munição, nos dá comida. Enlatados. Eu não conhecia biscoitos em lata, queijo em lata, peixe em lata, e agora já conheço.” (BARCELLOS, 1982, p. 25)

5.3.3 O povo

Neste período há duas referências distintas ao povo da Nicarágua. De um lado, os refugiados: “Com exceção das mulheres, que me pediram comida, a maioria das pessoas não se preocupa com problemas materiais, mas com a sobrevivência” (BARCELLOS, 1982, p.21). De outro, o conflito, que há semanas arrasa os bairros mais pobres da capital, agora começa a bater a porta dos mais abastados.

“Foram os piores dias da guerra, mesmo para a classe média e para os ricos de Manágua. Milhares tentavam fugir diariamente, através do aeroporto Las Mercedes, mas só havia uma empresa aérea operando, a Lanica, cujo dono era o ditador. E a Lanica não aceitava dinheiro do país” (BARCELLOS, 1982, p.50)

Entretanto, temos uma representação mais detalhada da situação do povo através da descrição dos personagens que aparecem neste período.

5.3.4 A guerra faz seus loucos

Durante o período que passa andando pela zona de combate, Caco Barcellos tem contato com as primeiras pessoas afetadas psicologicamente pelos horrores do combate. Neste período, o autor descreve quatro personagens enlouquecidos pela guerra.

5.3.4.1 Norma

“As bombas caem de cinco em cinco minutos, mas nem as explosões, que estremecem a mesa, derrubam a vela, nem o barulho dos combates me impedem de ouvir os gritos desesperados de Norma. Ela mora perto daqui, é a única pessoa que continua na rua. [...] Ela está gritando desde o momento em que uma bomba acabou com a sua família.” (BARCELLOS, 1982, p.10)

Moradora de Dom Bosco, Norma perdeu o marido e a filha nos ataques aéreos da *operação massacre*. Mesmo assim, busca incessantemente seu marido, Marvin. Seu comportamento é confuso e instável, ela age de forma agressiva diversas vezes com o repórter, mas, em alguns momentos, o trata bem e parece ter esperança em que ele possa ajudá-la.

Norma confunde um homem qualquer com seu marido e, vendo que se enganara, se indigna e o ataca. “Chegou a apertá-lo contra o peito, mas transformou o gesto de carinho num ataque de fúria: uma longa e feroz mordida.” (BARCELLOS, 1982, p.14)

Caco tenta levá-la até a casa do jornalista Herrera, mas no caminho ela passa pelos escombros de sua própria casa e torna a ficar agressiva, acusando-o de omissão por não ter feito nada em relação aos bombardeios. A última cena da personagem é “Norma desanimada, caminhando devagar, mal trocando os passos. E agora puxava a filha pelo braço, o corpo de Suzi arrastava-se pelo chão”. (BARCELLOS, 1982, p.15)

5.3.4.2 O homem com a vela na mão

Enquanto Caco Barcellos caminhava com Norma pelo cemitério, aparece o segundo personagem citado no livro, ele não tem nome, é descrito como “um tipo alto, mulato, cabelo encaracolado, meio ruivo e tem a barba crescida de vários dias.” (BARCELLOS, 1982, p.12) É ele quem Norma confunde com seu marido. Mais uma pessoa desestabilizada emocionalmente pelos traumas da guerra. Ele chegou com uma vela, a pôs em cima de uma pedra, arrancou a camisa, arrebatando os botões e começou a cavar.

“Cavou até bater nos corpos. Abriu uma extensão de três metros de vala e também um metro para as laterais. Terminado o trabalho, fincou a pá no chão, subiu um monte de entulho e fez um gesto de oração, fixando olhar no céu. [...] Passados alguns minutos mais, o homem tira os sapatos e se joga descalço sobre os corpos empilhados na vala. Caiu de bruços e ficou imóvel como se também estivesse morto.” (BARCELLOS, 1982, p. 12)

Com muito esforço, alguns guerrilheiros que passavam por ali conseguiram arrancar o homem de dentro da vala. “Quando Norma o mordeu, saiu em disparada e desapareceu na escuridão.” (BARCELLOS, 1982, p.14)

5.3.4.3 Rapaz atropelado pela GN

“O rapaz continua na pista marchando sem sair do mesmo lugar. Veste calça preta puída nos joelhos, camisa sem botões, um pé descalço e outro com sandália franciscana. Usa boina azul-marino com duas ‘orelhas’ de feltro, e um saco branco sobre o ombro, pendendo nas costas. Enlouquecido pela guerra, sorri e grita ‘pátria libre’ quando Herrera desvia bruscamente.” (BARCELLOS, 1982, p. 22)

Eles estão na Carretera Sul. Logo atrás do Toyota de Herrera, vem um jipe da Guarda Nacional.

“Vi que o rapaz sorria e gritava enquanto marchava parado no meio da rua. E que levantara os braços, com o punho fechado, um instante antes de ser atropelado. O corpo foi jogado cem metros à frente e o jipe passou novamente sobre ele.” (BARCELLOS, 1982, p. 23)

5.3.4.4 Noel Zamora

“- Cuidado a ponte! – ele gritou, acordando de sobressalto e atirando a arma pra fora da trincheira.
Tentamos explicar o acontecido, mas Zamora voltou a falar da ponte. Começara a ter visões a partir do terceiro dia de combates sem trégua.
- A ponte não tem hora para aparecer. Depende do meu cansaço. Minha função tem sido monótona, mas não posso sair daqui. A pior hora é quando o sol bate de frente. Surge uma nuvem escurecendo a visão e de repente aparece a ponte. Gastei muita bala atirando nos soldados que cruzam sobre ela. Agora não dá mais: tenho três tiros no fuzil, nada mais.” (BARCELLOS, 1982, p. 56)

Noel Zamora é mais um enlouquecido pela guerra. “Um rapaz moreno, barba escassa, alguns pelos de bigode, aparenta dezoito anos.” (BARCELLOS, 1982, p. 56). Caco e Herrera o encontram dormindo em uma trincheira às vésperas da retirada sandinista de Manágua. “Como Noel Zamora, outros 120 guerrilheiros exaustos foram espalhados pela zona limite dos bairros, com a missão de enganar a

Guarda Nacional e dar cobertura à multidão que se organiza para a fuga.” (BARCELLOS, 1982, p. 57)

5.3.5 A Imprensa

Quando Caco chega à Nicarágua como repórter independente, há correspondentes de diversos veículos, portanto, é difícil vender matérias. Com a fuga dos jornalistas, alguns inclusive sob ordens de suas redações, como mostrei no período anterior, os veículos começam a procurar os repórteres que sobraram para adquirir matérias independentes, sem vínculo empregatício e, portanto, sem compromisso com a segurança do repórter. Como são raros os jornalistas no conflito, o trabalho sobe de valor.

“Agora ficamos cotados. Um relato sobre o front vale quinhentos dólares e uma foto pode até nos enriquecer. As agências americanas oferecem fortunas a quem documentar sandinistas fuzilando soldados da Guarda Nacional. Eu mesmo recebi três propostas em poucos dias. Mas de patrões brasileiros. Ofereciam tão pouco que preferi continuar trabalhando para mim mesmo.” (BARCELLOS, 1982, p. 49).

Já para a imprensa nicaraguense, a situação é outra. Herrera, por exemplo, era repórter de uma rádio que estava fora do ar desde o começo do conflito. Com o país em guerra, a imprensa local estava reduzida a apenas uma rádio oficial, a Rádio Difusora Nacional, e uma clandestina, a Rádio Sandino, que eram usadas como tática de guerra, de ambos os lados.

“Era difícil sintonizar a Rádio Sandino. A emissora clandestina transmitia de algum lugar longe de Manágua, pois só à noite meu rádio captava suas ondas. As notícias daquela noite davam um balanço da guerra vista pelo lado guerrilheiro.

beligerância. Reconhecido o direito da nossa luta! Viva Nicarágua livre! Firmeza, companheiros! Leon, Chichigalpa, Ocotal, Matagalpa, Granada, Masaya e Diriamba já nos pertencem, são territórios livres do país. Domínio parcial sandinista em Jinotega, Chinandega, Manágua e Rivas. Companheiros: só a luta e o sacrifício nos trarão a liberdade. Pátria Livre – Rádio Sandino, de algum lugar da Nicarágua – Ou Morrer!

Também ouvia a Rádio Difusora Nacional, a única que transmitia as notícias oficiais da ditadura:

‘O povo disse não à insurreição armada. Total fracasso comunista. A greve geral convocada pelos sandino-vermelhos está acabando, os

trabalhadores estão de volta ao trabalho. A Guarda Nacional concentra seus ataques sobre os últimos focos rebeldes. Em quinze dias o país voltará à normalidade. Gloriosa epopeia dos soldados da pátria., massacraram mercenários na fronteira sul, com a Costa Rica, e em Masaya. Comandante de Leon retirado da luta por medidas estratégicas.” (BARCELLOS, 1982, p. 30)

5.3.6 A guerrilha

“O panorama militar da guerra é ou era favorável aos sandinistas em todas as frentes de combate. Com posições bem consolidadas na região centro e norte. [...] Ao sul [...] há equilíbrio de forças. Os guerrilheiros conquistaram Las Virgens. [...] Mas esta vitória representa o primeiro passo de um objetivo maior: a tomada de Rivas, 25 mil habitantes, futura cidade-sede do governo revolucionário, como promete o Comandante Zero. Também na zona sudoeste, os insurgentes levam vantagem sobre o exército do governo. Há combates nas cidades de Diriamba, Jinotepe e Masaya, e apesar da Guarda Nacional anunciar o massacre total do inimigo, a verdade é que eles são a cada dia mais numerosos.” (BARCELLOS, 1982, p. 30)

Mas, se a situação geral do conflito é cada vez mais favorável à guerrilha, na capital as coisas estão diferentes. Com o bombardeio constante dos aviões, fica cada vez mais difícil a situação dos sandinistas em Manágua.

“Começara a faltar munição, alimentos e remédios. Surgiram o tifo e o tétano, devido à grande quantidade de cadáveres ao ar livre. E para agravar ainda mais a situação, o ditador mandou envenenar a água potável de Ducuali e Belo Horizonte, bairros onde era maior a resistência sandinista.” (BARCELLOS, 1982, p. 52)

No dia 26 de junho, a FSLN ordena a retirada de todo seu exército da capital: dois mil guerrilheiros. Na hora da fuga, o povo se juntou aos guerrilheiros, formando uma fila de seis mil pessoas “incluindo velhos, crianças e feridos” (BARCELLOS, 1982, p. 52).

“Depois de ouvir a notícia da fuga, já não tenho dúvidas de que me enganei a princípio, ou fui enganado pela vontade involuntária das pessoas que me deram depoimentos. Porque ouvi até soldados da Guarda Nacional do ditador preverem sua queda. Ouvi políticos conservadores, guerrilheiros, ricos, pobres, todos dizerem a mesma coisa. [...] A notícia me causou profunda surpresa. Achei até que começou a morrer o sonho nicaraguense de derrubar o ditador. ” (BARCELLOS, 1982, p. 13)

Esta passagem é importante por dois motivos: porque mostra a liberdade de fontes atingida pelo repórter no período da “cobertura de guerra sem ar condicionado”, característica da ampliação de que é capaz a reportagem em livro, como demonstrado no capítulo teórico deste trabalho, e que era menos acessível durante a “cobertura de guerra padrão”; e porque mostra um momento de decepção do repórter. Todas as previsões indicavam a derrubada da ditadura. Agora, essa notícia da retirada sandinista, parece por esta certeza em cheque.

O autor acompanha a formação das colunas e o começo da retirada sandinista. As cenas do caminho são descritas com bastante detalhes, o que sugere um contato posterior com os envolvidos, mas isto não fica muito claro. Na hora da partida, se despede do seu amigo Herrera. “Voltarei a ver meu amigo nicaraguense?” (BARCELLOS, 1982, p. 58)

5.3.7 Felipe

Uma das cenas da retirada sandinista descrita pelo autor envolve Felipe, filho de Herrera. É breve a única referência a este personagem no livro, mas julgo importante analisá-la pois demonstra a naturalidade com que as crianças nicaraguenses aprendem a lidar com a guerra. “Nada de novo para Herrera, pois seus filhos sempre foram meio adultos.” (BARCELLOS, 1982, p. 59) Durante a retirada dos sandinistas, Felipe, de seis anos, vai carregado nos ombros do pai.

“Felipe, embora Herrera o tenha flagrado pedindo doce de batata como se fosse um bebê, divisou um soldado de tocaia no telhado de uma tenda, em Belo Horizonte. Herrera nunca esquecerá a iniciativa do filho de seis anos, que ele carregava sobre os ombros:
-Quase me joguei no chão. Só não fiz isso porque Felipe me apertou o pescoço com as pernas, e falou assim, baixinho:
-Calma, pai, o soldado não viu a gente.” (p.59 e 60)

Sob a mira do franco-atirador, o guri permanece quieto, demonstrando enorme frieza e conformidade diante da morte que, mesmo não tendo ocorrido, se mostrava quase certa neste momento. “Por que demora tanto a atirar? – perguntou Felipe” (BARCELLOS, 1982, p. 59)

Mesmo o texto levando a crer que Caco Barcellos não parte junto com as fileiras, na sequencia ele aparece em Masaya, ponto final da fuga. “Antes de conhecer Masaya, achava que seria arrasada pelo primeiro ataque mais efetivo da Guarda Nacional. Mas depois que convivi 24 horas na coluna de um exército de crianças, descobri o engano: o povo da cidade é imbatível.” (BARCELLOS, 1982, p. 77). E é em Masaya que o repórter sofre um revés que muda novamente seu ângulo em relação ao conflito.

5.3.8 A ditadura

As referências à ditadura neste período mostram um governo abandonado, principalmente pelos Estados Unidos, um ditador enfurecido, querendo vingança contra seu próprio povo, soldados famintos e sem suporte e os homens importantes da ditadura fugindo. “A ditadura quer matar um por um todos os subversivos do país. E, para um ditador enfurecido, subversivo tanto é um guerrilheiro, uma mulher grávida, uma criança ou um embaixador.” (BARCELLOS, 1982, p. 49)

Se em outros momentos de crise, como catástrofes naturais e conflitos armados, a Guarda Nacional fuzilava sem piedade o povo faminto que realizava saques, “agora Somoza já não mata saqueadores, pois teria que mandar matar os soldados famintos da sua própria guarda [...] correm pelas ruas, com farda, arma e tudo, carregando pacotes e sacos cheios de mercadorias.” (BARCELLOS, 1982, p. 19)

O embaixador brasileiro na Nicarágua, Quintino Symphoroso Deseta telefona sugerindo que Caco Barcellos vá embora. “Aqueles eram as últimas horas de relações diplomáticas do Brasil com o governo de Somoza. - Agora é certo, o homem vai cair, ou alguém vai derrubá-lo.” (BARCELLOS, 1982, p.48)

Diplomaticamente, o governo de Somoza está sozinho; com o apoio do povo nunca contou; o apoio da burguesia perdera definitivamente em janeiro de 1978, com o assassinato de Pedro Chamorro, dono do jornal *La Prensa*, de oposição: não há mais nada que justifique a permanência de Somoza no poder. Mas ele segue bombardeando.

“Acredite, o Somoza está biruta – me disse o capitão da Guarda Nacional, Luís Alberto Aluar, formado pela Escola dos Agulhas

Negras, no Brasil, que também estava com a mulher e os filhos na embaixada.

Ex-ministro da Educação, membro da Corte Suprema de Justiça, advogado, jornalista, o capitão me mostrou dezenas de diplomas da a sua carreira a serviço da ditadura. Perturbadíssimo, com medo que seu esconderijo fosse descoberto, acusava o governo americano de tê-los abandonado. Meia hora antes de entrar num avião americano e desertar, rumo a São Paulo, estava certo de que o povo faria uma revolução tipo iraniana.

- Vou embora, minha cabeça está em jogo.” (BARCELLOS, 1982, p. 49)

5.4 NAS MÃOS DA GUERRILHA

“- Kill him!

Aquele grito de morte perturbou-me. Não soube como reagir. Estávamos sob a mira de não sei quantas espingardas apontadas nos encostos da janela, mas havia crianças em volta. Confesso que as usei para me proteger, como se fossem escudos. [...]

- Você é de esquerda?

Não sabia o que responder ao menino, continuava perturbadíssimo. [...]

- Onde está o carro, as máquinas da televisão? [...]

- Você é desses que coleciona cartuchos, dentadura de cadáver, ‘souvenir’ de guerra, não é?

- Não.

- Pois você está preso!” (BARCELLOS, 1982, p.78)

5.4.1 O povo

“Embora olhassem com discrição, sentia um clima de desconfiança. [...] A cada instante surgia alguém numa porta a me acusar de gringo, espião, *oreja*, *sapo*.” (BARCELLOS, 1982, p. 77). O autor diz que jamais imaginara tornar-se prisioneiro da guerrilha e confessa sentir “vergonha de ser prisioneiro daquelas pessoas que eu admirava, no mínimo pela fé, pela coragem e pelo amor que os unia.” (BARCELLOS, 1982, p. 78)

Passada a desconfiança inicial, a relação do repórter com o povo de Masaya melhora:

“As pessoas me ensinaram de tal forma a me proteger que, durante os dias que fiquei em Masaya, nunca mais senti medo do DC-3. Aliás, o avião continuou a metralhar a cidade até a noite. Mas é um inimigo tão ineficiente, um perigo tão remoto, que virou motivo de piada e de festa para as crianças, que abanam quando ele dispara a metralhadora.” (BARCELLOS, 1982, p. 78)

5.4.2 A guerrilha

“Pensei que não me considerassem um prisioneiro. Afinal, havia conversado com eles no caminho, e pareciam simpáticos, esquecidos da desconfiança inicial. Me enganara.” (BARCELLOS, 1982, p. 79). Caco Barcellos passa a noite detido entre os guerrilheiros. Ele relata ter sido bem tratado durante sua detenção. Os guerrilheiros que permaneciam de guarda “coversavam e contavam histórias da luta como se eu fosse um velho amigo. Um deles conversou toda a madrugada. Durante cinco horas ouvi a mesma ladainha de doutrinação marxista.” (BARCELLOS, 1982, p. 79)

Na manhã seguinte, o repórter conhece mais alguns guerrilheiros da coluna. A descrição é de crianças, no máximo adolescentes. Reclamam do café da manhã. Assim como os garotos - de idade parecida – que defendem a Guarda Nacional, querem comida industrializada. “Traga a salsicha! Pepinos, queremos comida em lata!” (BARCELLOS, 1982, p. 79). O repórter também tem contato com dois agentes da inteligência da coluna: “dois meninos mascarados [...] o descalço, tinha treze anos; o outro calçava tênis, quatorze.” (BARCELLOS, 1982, p. 80).

O trecho que relata a detenção de Caco Barcellos pelos guerrilheiros é curto. Nele aparecem poucas categorias de análise, mas sua importância se faz por dois motivos: a prisão é o primeiro contato próximo do repórter com a guerrilha; é aqui que conhece Zapote, o líder guerrilheiro de doze anos.

5.4.3 Zapote

“Por trás da máscara, o menino aparentava dez a doze anos, mas tal era sua firmeza que não tive dúvidas em segui-lo.” (BARCELLOS, 1982, p. 80). Zapote é o líder da coluna guerrilheira que prende Caco Barcellos em Masaya.

“Custei a acreditar que Zapote, o menino que me dera a fruta, fosse o comandante de uma coluna. Mas, minuto a minuto, ele dava provas não só de liderança, também de lucidez e decisão que me impressionavam. [...] Havia um verdadeiro exército de adolescentes e crianças sob mando dele, moreno, franzino.” (BARCELLOS, 1982, p.80)

O autor não esconde a admiração que sente por Zapote, por suas características pessoais, pela posição que ocupa com a idade que tem e pela forma como a guerra transforma a vida das crianças.

“Antes de se tornar guerrilheiro, num dia como hoje, Zapote acordava às oito horas da manhã, tomava café, [...] depois iria para a escola, junto com Suzi, uma vizinha de cabelos curtos e rosto de índia, sua primeira paixão. Mas Zapote também está apaixonado por Maria Aparecida, a professora da sua classe no Colégio Salesiano. [...] O dinheiro que ganhava, cem córdobas por dia, gastava em cigarros e comida para casa.” (BARCELLOS, 1982, p. 83)

Zapote aderiu à guerrilha em setembro de 78, nos combates durante os quais seu pai desapareceu. É descrito pelo autor como um menino sorridente e de olhar seguro, criativo, inteligente, excepcional atirador, decidido, de opiniões fortes, “a personalidade de Zapote é de um autêntico líder.” (BARCELLOS, 1982, p. 94) “Sabe usar as duas mãos para disparar simultaneamente. Usa um revólver 38 cano longo, niquelado, na mão direita, e na esquerda um 32 herdado de um primo morto na guerrilha.” (BARCELLOS, 1982, p. 83).

Mesmo sendo uma liderança sandinista, Zapote ainda é uma criança. Essa dicotomia gera situações inusitadas. Até certo ponto da guerra, por exemplo, era proibido de combater à noite, e obedecia.

O exército de guris comandado por Zapote ganhara importância no ano anterior, nos conflitos de 1978.

“Na fase final daquela revolta, o exército sandinista recuara para as colinas, e havia poucos homens na cidade: a maioria foi morta ou desapareceu como seu pai. Os velhos, impossibilitados de fugir, foram assassinados sem motivo. Só restara a resistência do exército de Zapote.” (BARCELLOS, 1982, p. 83)

Após ser libertado Caco Barcellos toma a decisão mais importante em termos de angulação em todo o livro. A relativa segurança que se tinha ao lado da ditadura há tempos se acabara, a possibilidade mais segura no momento é a proteção de uma coluna de guerrilheiros. Além disso, apesar de ser um momento de recuo das forças guerrilheiras, há evidências de uma vitória sandinista e o repórter acredita de fato nisto. Desta forma, a escolha que faz, além da segurança, é a escolha do

ângulo mais adequado para cobrir a vitória sandinista: “Pedi autorização a Zapote para ficar ali indefinidamente. Ele permitiu.” (BARCELLOS, 1982, p.80).

5.5 DE BRAÇOS COM A GUERRILHA

“Para um repórter sem dinheiro, o envolvimento numa coluna de guerrilheiros também é uma possibilidade de sobrevivência. Há garantia de alimentação e proteção das trincheiras, mais seguro do que peregrinar de casa em casa ou pelas ruas, como civil desarmado.” (BARCELLOS, 1982, p. 79)

Caco foi ‘libertado’ às três da tarde. Às cinco, o comandante Zapote recebeu uma ordem de ataque via rádio. Os guerrilheiros da coluna de Zapote espantaram uma tanqueta da Guarda Nacional munidos de bombinhas e panelas. “Eu os acompanhei no ataque à Guarda Nacional e vi: foi uma grande vitória dele, do exército das crianças.” (BARCELLOS, 1982, p. 80).

Neste trecho, fica claro o ângulo escolhido pelo autor daqui em diante. Mas também é o momento em que ele começa a demonstrar um envolvimento mais profundo com a guerrilha. “Mas só agora, quando o portão do quartel se abriu e a tanqueta começa a sair, disseram-me que **faremos** um ataque desarmados!” (BARCELLOS, 1982, p. 83)

O grifo é meu e o verbo, em primeira pessoa, destaca o primeiro momento em que Caco Barcellos também começa a “dar provas de ser um repórter parcial, talvez envolvido com os sandinistas” (BARCELLOS, 1982, p. 80) A frase é do autor e fora usada em outro momento, como uma crítica ao amigo jornalista Herrera. Caco participa de uma ação guerrilheira, indo, ao menos por um instante, de repórter a guerrilheiro, seu envolvimento com a guerrilha, neste ponto, vai além do profissional.

5.5.1 O povo e a guerrilha

Neste período, como no anterior, povo e guerrilha muitas vezes se confundem. Essa confusão que se dá a primeira vista, quando o repórter não diferencia os curiosos dos guerrilheiros, se mantém mesmo em uma análise mais cuidadosa. O trecho abaixo demonstra a origem desta confusão. Nele, o autor defende a legitimidade da luta armada e do apoio à guerrilha como última saída para o povo da Nicarágua, oprimido pela ditadura de Somoza:

“Passados 47 anos da morte de Sandino, o país tornou-se sandinista: as armas eram a única via para derrubar a ditadura que durante cinco décadas proibiu todas as formas democráticas de participação popular no governo. Proibia as entidades de defesa das classes trabalhadoras, reprimia as greves e manifestações públicas contra a corrupção e autoritarismo do regime. Prendia, matava os líderes de oposição. Ao povo restava a alternativa de luta clandestina, reforçando o exército guerrilheiro da Frente Sandinista de Libertação Nacional.” (BARCELLOS, 1982, p. 108)

Em nenhum momento do livro, o autor se posiciona ideologicamente. Mesmo no trecho onde é preso e um dos guerrilheiros pergunta se é de esquerda – o que seria uma oportunidade -, Caco se mantém em cima do muro. Ao que parece, ele adere à guerrilha não por questões ideológicas e, sim, por questões de segurança, por uma escolha de ângulo e por ter se cativado pelo povo, pela corajosa luta das pessoas.

5.5.2 Justo Garcia

“Em trabalho não falam, parecem mudos. Por segurança, a notícia sendo grave, tiram a camisa e saem a correr pelas ruas. O correio de guerra do bairro Monimbó são meninos de dez a quinze anos.” (BARCELLOS, 1982, , p. 86) Um destes garotos era Justo Garcia, sobrinho de Lázaro.

“Mesmo ferido, Justo continuou em disparada, a descer uma ladeira. Descalço, vestia apenas um calção marinho, puído atrás. Naquela velocidade toda, os pés quase batiam nas costas. O peito avançava à frente dos braços, a cabeça inclinava para o ombro esquerdo que sangrava, e o cabelo loiro formava um topete contra o vento.” (BARCELLOS, 1982, p. 86)

Lázaro conseguiu deter sua corrida e só então percebeu o que se passava.

“Em seguida, Justo tenta levantar, ergueu a perna, ajoelhou e, impassível diante da morte, começou a sacudir a cabeça. [...] Arrastou-se. Talvez conformado, com gestos serenos sentou-se e depois reclinou o corpo e apoiou a cabeça na calçada. [...] Ele tentou falar, mas não conseguiu: o balaço havia entrado na nuca.” (BARCELLOS, 1982, p. 87)

Apesar do esforço diante da morte, Justo não conseguiu entregar o recado que trazia: os soldados estavam chegando, começava a operação *terra arrasada*.

No dia 4 de julho iniciou “o maior combate da história de Masaya. Trata-se da data marcada pela ditadura para o início da operação *terra arrasada*.” No momento, a situação da guerra é a seguinte:

“Além de Masaya, os sandinistas controlam Leon, Chichigalpa, Chinandega, Esteli e um total de 23 cidades, que representam quase cem mil quilômetros quadrados, dos 127 mil do território nicaraguense. [...] Do lado do governo, a Guarda Nacional perdeu 450 soldados nos últimos três dias, mas tem domínio absoluto da capital, desde a fuga dos guerrilheiros no dia 27. Também leva ligeira vantagem nos combates da fronteira sul, onde as forças sandinistas de Sébaco foram ‘destroçadas’ e estão fugindo para as montanhas. [...] O triângulo Jinotepe (46 quilômetros da capital) – Diriamba (40) – Masaya (28) continua sendo, portanto, a única região de indefinição estratégica. Com uma derrota da GN no 4 de julho, todas as principais estradas estarão bloqueadas, o que pode ser decisivo para a derrubada da ditadura.” (BARCELLOS, 1982, p. 92).

5.5.3 A imprensa

Segundo a Rádio Sandino, porta-voz da guerrilha, a operação “consistiria de um ataque aéreo e terrestre com cinco mil soldados e aeronaves munidas de foguetes, bombas de 230 quilos e algo que ainda não havia sido usado na guerra: napalm.” (BARCELLOS, 1982, p. 75) “A imprensa internacional divulgou, com três dias de atraso, que Somoza estava usando *napalm* para lutar contra o povo da Nicarágua.” (BARCELLOS, 1982, p. 97).

5.5.4 A ditadura

Esta passagem demonstra claramente a desproporcionalidade do combate:

“Dois caças, dois jatos T-33, quatro Cessnas lançadores de foguetes e quatro helicópteros: é o efetivo da FAN para a operação. [...] Masaya também se organiza. Todos os quartéis trabalham na produção de molotov e na limpeza de armas e reforma das emperradas. Apesar da proibição da venda de pólvora, as farmácias continuam fornecendo a portas fechadas para a produção da *bruxita*.” (BARCELLOS, 1982, p. 92).

Somoza “designou os caguetes mais afoitos para desvendar os ‘mistérios’ de Masaya.” (BARCELLOS, 1982, p. 75), “deslocou os soldados de Masatepe para Masaya e escalou mil homens da EEBI, inclusive seu filho, Somoza Portocarrero, o

chefe da guarnição, substituto natural da dinastia” (BARCELLOS, 1982, p. 92). O governo convoca a população para o alistamento e novatos com três horas de treinamentos básicos são considerados prontos para a guerra. “A Guarda Nacional estava aceitando tudo.” (p.92) O objetivo do ditador desta operação, segundo as palavras do autor, é “realizar seu velho sonho de destruir Masaya” (BARCELLOS, 1982, p. 75). Neste momento, o ditador dá sua cartada final, como demonstra o fato de escalar o próprio sucessor da dinastia, até então fora de combate.

Além de montar este aparato de guerra, Somoza convocou, em cadeia nacional de rádio e televisão, “os professores e estudantes para voltarem às aulas! Talvez, por ironia, também fez uma convocação aos quarenta mil trabalhadores do país, embora a FAN tenha reduzido a cinzas e ferragens retorcidas noventa por cento das indústrias da Nicarágua.” (BARCELLOS, 1982, p. 92). O ditador também fez uma convocação ao congresso, para discutir a verba orçamentária do ano seguinte. “Será a primeira reunião do congresso depois do início da guerra” (BARCELLOS, 1982, p. 50).

5.5.5 Orlando Montenegro

Orlando Montenegro, ministro da Defesa Civil, “é um homem de valor”, afirma um de seus guarda costas,

“tem dias que ele põe ouro no chapéu, na gravata e até no bico do sapato. [...] Óculos de ouro, dentes com filetes dourados, pulseira, relógio e correntes de ouro-25, anel de formatura com pedra de brilhante, as joias que Orlando usava foram avaliadas em dez mil dólares, por um tira de sua segurança pessoal.” (BARCELLOS, 1982, p. 51)

Ostentador, Montenegro é um dos pouco ricos da Nicarágua e, como quase todos eles, um dos poucos Somocistas também. Juntamente com Somoza, ele financia uma organização paramilitar conhecida como Los Gatos. Caco Barcellos o entrevista no dia 4 de julho, quando o congresso é convocado para discutir a verba orçamentária para o ano de 1980. No mesmo dia, o mesmo governo iniciava a operação terra arrasada. Apesar da situação de guerra e da instabilidade do governo, “os mais radicais, como o ministro da Defesa Civil, ainda falaram na ‘força do regime’.

- O povo está conosco, estamos mais firmes do que nunca!” (BARCELLOS, 1982, p. 51)

5.5.6 Leonor

“Não havia baixas até a hora em que as mães resolveram dar apoio efetivo aos filhos guerrilheiros. Antes do dia 4, a maioria delas havia-se limitado à luta de cozinha: fazer um café, preparar sucos de frutas e reproduzir a comida escassa.” (BARCELLOS, 1982, p. 94)

No dia 4, como nos demais, Leonor ouviu o alarme do ataque e se refugiou no abrigo antiaéreo com velas, uma foto do filho e outra do marido, desaparecido em confronto. O que mudou o seu papel neste combate foi um pressentimento: seu filho Zapote ia morrer neste dia. Em meio ao fogo cruzado, ela rastejou trezentos metros de sua casa até a trincheira:

“-Vim lhe trazer o lanche – disse, mostrando um saco plástico cheio de suco de mamão e uma porção de mandioca frita num pires de porcelana.

-Você é uma louca, mãe – disse Zapote.

-Cala a boca, você é uma criança e não entende nada. Coma isso de uma vez...” (BARCELLOS, 1982, p. 94)

Seguindo o exemplo de Leonor, as mães dos outros meninos da coluna de Zapote passaram a noite a rastejar até a trincheira para levar alimento e apoio moral aos piás guerrilheiros. Antes disso, ela servira de exemplo às mães de Masaya por outro motivo. Foi a primeira a liberar o filho para combater à noite. “Ela o proibia de sair de casa após às oito da noite, mesmo depois de iniciada a guerra e sabendo de sua condição de comandante de coluna.” (BARCELLOS, 1982, p. 94) Aqui aparece a situação contraditória em que se encontram as mães dos jovens guerrilheiros. Por um lado, seus filhos são crianças, dependem de sua proteção, mas por outro, é deles e de suas poucas armas que depende a liberdade do povo.

5.5.7 Lázaro

Neste momento do conflito, o palco principal passa a ser Masaya e o protagonista, Lázaro Garcia. “O bêbado de Monimbó” é uma das tantas pessoas do

povo que aderiram à luta armada contra a ditadura. No seu caso, principalmente por motivos pessoais. Assistiu uma tropa da EEBI (Escalão Especial Blindado de Infantaria) torturar e matar o filho de um vizinho na frente da família. Permaneceu escondido em meio ao lixo até que os soldados fossem embora. Saiu de lá decidido a lutar. Isso era janeiro de 1978.

“Não há guerrilheiro que não o conheça. Moreno, magro, roupas manchadas de pó vermelho do chão de Monimbo, um bêbado humilde que antes da revolução nem conhecia a capital Manágua. Achava caro três córdobas pela viagem de ônibus. Depois da invenção, convidado a ingressar no exército sandinista, hesitou, mas, fascinado pela aventura de conhecer o país, tornou-se colaborador efetivo da revolução. Viajou a todas as grandes cidade para ensinar os segredos da bomba. [...] Tornou-se um dos civis mais procurados pela ditadura.” (BARCELLOS, 1982, p.68)

Lázaro é descrito como um bêbado em quase todas as referências que o autor faz dele, é a principal característica descrita: na madrugada em que o pelotão da Guarda Nacional invade o Galpão dos Garcia, Lázaro é o único acordado, “sentado numa cadeira da cozinha, bebe e pensa.” (BARCELLOS, 1982, p. 68); quando seu sobrinho Justo Garcia é assassinado, Lázaro sai indignado para vingar-se do “inimigo”, dá um tiro em poste, depois quebra a arma batendo nele; também é em meio a uma bebedeira que acontece a invenção da *bruxita*. Ele usa o conhecimento como foguista e, com o mesmo material que usa na fabricação dos fogos de artifício, faz uma bomba de contato.

“Deu o primeiro gole de rum para o demônio, o segundo para os espíritos do bem. O terceiro gole foi para o mal, para a morte de Somoza. Juntou toda pólvora, os pós de enxofre, clorato de alumínio e começou a pensar numa forma de matar soldado com aquela coisa.” (BARCELLOS, 1982, p. 72)

Em jejum há três dias, bebeu uma garrafa inteira de rum, chorou muito, comeu os calos dos dedos, vomitou uma espuma branca e adormeceu sobre a mesa. “Quando acordou não lembrava de mais nada. Viu que estava agarrando duas bombas. Suspirou emocionado e foi mostrá-las a seu pai.” (BARCELLOS, 1982, p. 72) Lázaro acabara de inventar uma das principais armas dos sandinistas: a *bruxita*.

“Era um pequeno pacote de papel jornal, enrolado em fita crepe, semelhante a uma bola de meia, dessas com que os meninos pobres

jogam pelada no Brasil. Aberta sobre a mesa foi examinada em minúcias: oito pedras de cascalho pouco maiores que um grão de feijão, pólvora, seis libras de alumínio puro, oito libras de enxofre e uma libra de $KC-10_3$ enrolados numa folha do diário *La Prensa*.” (BARCELLOS, 1982, p. 70)

A bomba de contato de Lázaro foi um sucesso. Mas agora, o ataque era aéreo e a bruxita, adequada para combates de curta distância, não era mais útil. Era necessário criar uma nova arma. E vai Lázaro novamente, com sua garrafa de rum para o galpão.

“O novo invento de Lázaro seria um foguete busca-soldado? Uma espoleta-causadora-de-sono? Uma granada-contra-incêndio?” (BARCELLOS, 1982, p. 99). A arma antiaérea dos sandinistas, na verdade, não passa de um foguete, um fogo de artifício, porém mais ruidoso. Jamais causaria dano a uma aeronave, mas assustava os pilotos, que passavam a voar mais alto. “Justamente o que Lázaro havia planejado. Quanto mais subisse o helicóptero, mais pólvora punha no foguete” (BARCELLOS, 1982, p. 101).

“Durante todo o dia 5, a ‘artilharia’ de Lázaro não parou. Fracassou o plano de incendiar Masaya. Fracassou o trunfo principal da operação *terra arrasada*. Sem moral, sob forte pressão diplomática internacional, abandonado pelos governos que sempre o apoiaram [...] Somoza admitiu, ao perder a guerra em Masaya, que ia renunciar. Mas seu exército mantinha cerco sobre a cidade.” (BARCELLOS, 1982, p. 102)

Apesar de ter ingressado na guerrilha meio por acaso, Lázaro Garcia demonstra bravura e resistência quando é preso, em uma operação da Guarda Nacional no Galpão dos Garcia. Mesmo torturado e ameaçado de morte, Lázaro não abre o bico:

“- Minhas bombas são feitas para alegrar as festas. Sou foguista, nascido, criado foguista. Meu pai Juan foi quem me ensinou o ofício. [...] Quanto ao resto, o comunismo, os bancos, não sei do que se trata, não senhor. [...] Mesmo depois de torturado com choque elétrico e passar uma semana numa sala escura, sem água, sem comida, Lázaro continua repetindo teimosamente a conversa inicial. Ameaçado de ir ao paredão mais de dez vezes, passou por uma sessão de roleta russa. Pensou em contar a verdade, mas certo que seria fuzilado na hora, preferiu mentir.” (BARCELLOS, 1982, p. 70)

Lázaro mantém a mesma versão ao longo de todo o interrogatório. Mentia? Em parte. De fato era ele o inventor da bruxita, mas o restante de suas palavras é bastante credível. Nada leva a crer que Lázaro tenha mesmo conhecimento “do comunismo, dos bancos”. Ele era e seguia sendo este mero foguista que relata. Um foguista impedido de exercer seu ofício pela ditadura, que há dois meses havia proibido as festas populares.

Seu envolvimento com a guerrilha e mesmo sua resistência demonstram desespero e a importância que teve Lázaro no conflito demonstra o protagonismo dessa gente, desses desesperados, que lutavam por não ter mais nenhuma opção.

Com a vitória da revolução, Lázaro pode finalmente voltar a fazer “o que mais gosta: soltar fogos de artifício nas noites de Monimbó.” (BARCELLOS, 1982, p. 103)

5.5.8 Macho Negro

O sargento Gutierrez é o comandante da operação que prende Lázaro Garcia.

“Gordo, de cabelos grisalhos, cortados à cadete, toda Monimbó conhece o sargento *Macho Negro*, um dos torturadores e corruptos mais vorazes da ditadura. Com rompante de general, ele anda em passo de marcha à frente dos Garcia.” (BARCELLOS, 1982, p. 69)

Durante a operação, ele interroga todas as pessoas da casa, homens, mulheres e crianças. Um garoto recebeu um beliscão na orelha, a cunhada de Lázaro, Adelina, foi agredida com um tapa no rosto, os demais levaram cascudos. A esposa de Lázaro, Ana Maria, grávida, não foi agredida fisicamente, mas ouviu uma praga: “Quero que esse desgraçado nasça morto, minha filha” (BARCELLOS, 1982, p. 70)

“Formado por dois militares corruptos, o sargento Gutierrez e um cabo puxa-saco dele, o ‘conselho’ condenou à morte o bêbado de Monimbó.” (BARCELLOS, 1982, p. 75) Gutierrez quer matar Lázaro utilizando sua própria arma, a bruxita. Tenta diversas vezes explodi-lo, mas as bombas não eram bruxitas, eles tinham apreendido apenas fogos de artifício. Após várias tentativas, um dos foguetes causa uma bela explosão colorida dentro da sala onde o condenado segue amarrado. “O espetáculo sensibilizou o sargento. Ficou meia hora calado. Depois elogiou o trabalho do foguista, mandou o cabo abrir a cela e o libertar. Resolvera faturar. Exigiu um pagamento, um resgate para a soltura.” (BARCELLOS, 1982, p.76)

Aqui o galpão e a bruxita deixam de ser clandestinos graças à corrupção de um dos homens fortes da Guarda Nacional. Macho Negro é truculento o tempo todo durante o seu trabalho. Em um dado momento, suas emoções vem à tona e junto com elas a face de rígido e brutal cumpridor de tarefas dá lugar à face corrupta e ele muda completamente de ideia, liberando mediante suborno um recém condenado à morte, que ele mesmo condenara.

5.6 REVOLUÇÃO VITORIOSA

”O ditador se prepara para deixar o país” (p.102) “-*Pátria libre!* - Era o prelúdio de uma festa antecipada, a ditadura estava chegando ao fim.” (BARCELLOS, 1982, p. 103). O autor narra a abertura da fronteira com a Costa Rica, o movimento de retorno dos nicaraguenses refugiados no país vizinho é intenso. “São oitenta mil nicaraguenses a caminho de Peñas Blancas. A fila de carros e pedestres atinge quatro quilômetros” (BARCELLOS, 1982, p. 120).

5.6.1 Cléria

Cléria é uma garota de dez anos, moradora do bairro de Monimbó, em Masaya, e amiga inseparável de Justo Garcia, o menino mensageiro assassinado pela EEBI. A menina aparece em apenas uma cena do livro. Quando os foguetes de Lázaro por fim conseguem afastar os aviões que bombardeiam a cidade e o povo comemora a vitória, Cléria se aproxima.

“Olha as estrelas verdes, azuis, brancas, dos fogos de artifício. Jamais as pessoas que estavam naquela praça vão esquecer o gesto de Cléria. Porque todos ouviram a sua voz fina, emocionalmente forte gritar:

-Justo Garcia!

E o povo, em coro, respondeu:

-Presente!” (BARCELLOS, 1982, p. 103)

Esta é uma das passagens que justifica o título do livro. Em meio à festa da vitória, vem de uma criança de 10 anos a iniciativa de homenagear aqueles que caíram lutando para torná-la possível: crianças de dez, doze anos, como Justo, como a coluna de Zapote e como tantos outros.

5.6.2 O povo

As primeiras cenas do povo são das comemorações da vitória. No bairro de Minimbó, Lázaro, agora um herói, retoma seu antigo ofício e solta fogos de artifício, “as mulheres cantam canções de Sandino, servem sucos de frutas, querem chegar perto dele.” (BARCELLOS, 1982, p. 103)

Do outro lado da fronteira, na Costa Rica, há festa dos refugiados. O Hotel e Bar Leão da Fronteira está lotado de homens. “A primeira mulher que chega ao Baile da Vitória é carregada no colo pelos homens. Na euforia, até a mãe dela caiu nos braços de uma turma de rapazes.” (BARCELLOS, 1982, p. 119)

O autor também traz dados para descrever a situação dos refugiados na Costa Rica:

“Dos oitenta mil, apenas 1.500 tinham empregos regulares nos últimos dois anos. Os demais (25 mil deles adultos que necessitavam de renda) moravam ao longo de um corredor de dois quilômetros junto à fronteira. O máximo que conseguiam eram biscates e empregos temporários.” (BARCELLOS, 1982, p. 120).

Em meio ao movimento de retorno, também há jornalistas e turistas. Na confusão, segundo o autor, fica difícil saber quem é quem, pois, passada a vitória “todos se dizem ex-combatentes e contam mil histórias de aventuras e heroísmo.” (BARCELLOS, 1982, p.120)

Além da festa, é imprescindível neste período analisar como o autor descreve a participação do povo na luta e sua importância na vitória da revolução.

No dia 8 de junho, os guerrilheiros chegaram a Manágua. Haviam entrado no território nicaraguense em vinte colunas de dez guerrilheiros, chegaram à capital em número cinco vezes maior. “O povo os recebeu com alegria. [...] A adesão foi imediata. Nas primeiras horas, mais de duas mil pessoas, a maioria jovens, aderiram como milicianos ao exército de mil guerrilheiros que invadiu a cidade.” (BARCELLOS, 1982, p.31)

Se os jovens do povo aderiam ao exército guerrilheiro, o restante do povo ajudava principalmente com apoio logístico. “Comissões de Coleta de Armas arrecadaram duzentos revólveres e pistolas em apenas três bairros. Havia fartura de alimentos. À tardinha, o povo saqueara cinco indústrias na Carretera Norte.” (BARCELLOS, 1982, p.31)

Aqui o povo mostra a sua importância na luta contra a ditadura. Os guerrilheiros entram no país com pouquíssima estrutura e menos armamento do que gente. Rapidamente, o povo reforça as colunas.

O povo participa também dos combates: “Em duas ou três horas de batalha, o povo empilha lajotas de pavimentação e constrói uma barreira de um metro de altura, com seis quilômetros de extensão, isolando os bairros. Os tanques destroem partes da muralha, mas o povo reconstrói em segundos.” (BARCELLOS, 1982, p. 25). Desarmado e acuado pela ditadura, o povo exerce seu papel na resistência através da tática do cansaço, não podendo revidar aos ataques, faz o que pode para atrapalhar a chegada da Guarda Nacional.

Em determinado momento do conflito, o soldado Jarquin, da GN, reconhece a importância desse apoio: “- Se não fosse isso, já tínhamos vencido os bandidos. Mas assim é impossível.” (BARCELLOS, 1982, p. 25).

5.6.3 Família Sanchez e Sanchez

Após quatorze horas na fila da aduana, a família Sanchez e Sanchez consegue o visto para voltar à Nicarágua. “Além de Carlos, o motorista, a mulher e os quatro filhos, há mais sete caronas no carro deles.” (p.120) Durante os sete meses em que ficaram refugiados, Carlos, que tivera uma empresa de mudanças na Nicarágua, fazia fretes, sua esposa trabalhava como empregada doméstica e seus filhos realizavam atividades políticas com os sandinistas.

A viagem de volta é cheia de interrupções, carreiras, comemorações da vitória, vendedores, “mas Carlos desviava de tudo. Queria saber dos treze irmãos combatentes e da situação dos outros familiares. Também não sabia se ainda tinha casa ou se fora destruída pelos bombardeios” (BARCELLOS, 1982, p. 121)

5.6.4 A guerrilha

O processo de entrada no país é lento pelo movimento e pela falta de pessoal adequado para fazer os despachos aduaneiros. “Agora os burocratas da alfândega são os mesmos rapazes que 24 horas antes ainda combatiam na guerra.” (BARCELLOS, 1982, p. 120). Os responsáveis pela burocracia da transição de governo são os mesmos heróis da vitória. “Nos quartéis, nas ruas, em qualquer

lugar, os *muchachos* são as pessoas mais solicitadas da Nicarágua.” (BARCELLOS, 1982, p. 121).

O governo do Panamá enviou uma equipe de quinze policiais para auxiliar na criação da polícia da revolução.

5.6.5 Pablo Guadá

“Um dos primeiros aprovados, Pablo Guadá, é um mecânico-eletricista, combatente na região de Carazo e Jinotepe. Com 22 anos, 1m73 de altura, curso secundário incompleto, casado, Pablo será investigador civil. Entusiasmado, quer trabalhar na defesa dos pobres e na perseguição dos caguetes da ditadura.” (BARCELLOS, 1982, p. 122)

Apesar do entusiasmo, o que segue é uma polícia completamente despreparada, criada no improviso. O primeiro caso de Pablo é um acidente de trânsito entre “o Toyota novinho de um advogado rico, com uma camionete velha, caindo aos pedaços, de uma mulher” (BARCELLOS, 1982, p.122). A mulher tenta se beneficiar da condição de pobreza e acusa o advogado de somocista, enquanto ele tenta levar vantagem por ser funcionário da uma grande empresa. “O policial Pablo se livrou do rolo, anotando a ocorrência, e foi em frente.” (BARCELLOS, 1982, p. 122)

No primeiro protesto enfrentado pelo governo revolucionário, liderada pela “Brigada Trotskista Simon Bolívar” contra a decisão de desarmar os milicianos, os policiais são descritos como nervosos e inexperientes. “Ao verem o povo avançando, os sentinelas do quartel imediatamente abriram o portão principal.” (BARCELLOS, 1982, p. 124)

5.6.7 A imprensa

Em Leon, primeira cidade tomada pelos guerrilheiros, ainda antes da vitória final aparece também o primeiro sintoma de revolução vitoriosa do ponto de vista da imprensa. O governo revolucionário instala a “Rádio Venceremos, primeira emissora sandinista instalada oficialmente na cidade.” (BARCELLOS, 1982, p. 111)

Logo nos primeiros dias da revolução vitoriosa, a Rádio Sandino deixa de ser clandestina e surge também a Rede Sandinistas de Televisão, através das quais, “o

comandante do Estado-Maior, membro da direção da FSLN e ministro do interior, Tomás Borge Martinez, tem falado todas as noites.” (BARCELLOS, 1982, p. 133).

Com a imprensa na mão do governo revolucionário, o autor narra um momento de desforra de Tomás Borge ao vivo. Ele convoca uma coletiva que teria dois momentos. No primeiro, apresenta a nova polícia do país, “digna, hermosa, defenderá com amor os interesses do seu povo.” (p.136) O segundo momento é descrito como uma novela ou um show de televisão. Borge é “o ator principal”, as etapas da coletiva são “capítulos”, o cenário é o “palco” e os “atores convidados” são assim apresentados pelo comandante sandinista:

“O coronel Isaías Quadra, comandante do Cárcere Modelo quando eu estive lá preso. Este outro senhor é o capitão Ramoni Carrino, oficial do Serviço de Segurança de Somoza, também chefe da Migração. E por último, o major Henrique Mundia, chefe da patrulha que matou o nosso querido Carlos Fonseca Amador.” (BARCELLOS, 1982, p. 137)

Borge faz uma espécie de uma entrevista com os três onde faz questão de deixar claras as mudanças nas condições dos prisioneiros em relação aos períodos em que estivera detido pela ditadura de Somoza: “-Também deve lembrar-se de que jurei me vingar. Pois estamos aqui de novo, coronel, cara a cara! Quem diria, hombre, estou me vingando, tratando você melhor do que tratou a mim” (BARCELLOS, 1982, p. 138).

Baseado no surgimento destas novas emissoras e no episódio envolvendo Tomás Borge e seus antigos algozes, podemos perceber que, vitoriosa a revolução, a imprensa passa a ser uma ferramenta de Estado, transmitindo as leis do governo revolucionário e servindo de espaço público para manifestações de líderes da Frente Sandinista de Libertação Nacional.

Outro fato marcante é a primeira aparição de Fidel Castro na televisão na história do país. “Na presença de 26 comandantes sandinistas, Fidel fez um discurso de duas horas em homenagem à revolução nicaraguense.” (BARCELLOS, 1982, p. 124)

A única referência do autor à relação dos correspondentes com o novo governo é no primeiro protesto da revolução. “Um grupo de sandinistas começa a identificação de algumas pessoas, principalmente repórteres. Embora eu já fosse credenciado pela Junta de Reconstrução Nacional, preferi me retirar.”

(BARCELLOS, 1982, p. 124) Durante a “cobertura de guerra padrão” o repórter relata inclusive ter furado o esquema de segurança da Guarda Nacional para ter acesso a entrevistas coletivas sem estar credenciado. Neste episódio, mesmo credenciado, ele simplesmente desiste da cobertura e vira-se para ir embora sem deixar claros seus motivos.

5.6.8 Herrera

“Estava saindo do quartel, quando um guerrilheiro me agarrou pelos fundilhos da calça, me erguendo (céus!) com a violência dos tempos da ditadura. Outro sandinista torcia meu braço esquerdo, e os dois me levaram para a parede de um guarita. Já ia protestar, mas então me dei conta: era uma brincadeira de meu amigo Herrera!
 -Que farda é essa? – perguntei, me recuperando do susto.
 -As coisas mudaram, rapaz...
 De fato, para Herrera, foram mudanças imediatas.” (BARCELLOS, 1982, p. 124)

Com a vitória da revolução, sua situação é outra: agora Herrera trabalha no transporte de materiais e de comandantes sandinistas, no lugar do Toyota-70, dirige uma perua do ano, confiscada da família Somoza; deixou a família na casa de um parente em Masaya e passou a dormir nas mansões que agora abrigam os guerrilheiros; pensa em abandonar o jornalismo e trabalhar na reforma agrária; e anda armado.

As mudanças pelas quais passara Herrera demonstram outro sinal da “revolução vitoriosa”, do ponto de vista da guerrilha, a expropriação dos bens de Somoza e dos ricos que apoiavam o regime: as instalações do governo revolucionário são os mesmos palácios que abrigavam as instituições do governo de Somoza; o dormitório dos guerrilheiros, são as mansões; o refeitório é o Hotel Intercontinental, que abrigava os jornalistas e os protegidos da ditadura; os carros funcionais são automóveis de luxo.

5.6.9 El Brasileño

“Um guerrilheiro examina detalhe por detalhe a mansão de El Retiro, recém-abandonada pelo ditador e sua família. [...] Coturno bem engraxado, calça puída dos cobates e camisa verde-oliva sandinista,

com o nome de guerra num paninho branco, chapeado sobre o bolso: Edgar, 'El Brasileño'. [...] Magro, 52 quilos, 1m65, a cara meio esquelética e o corpo curvado, 59 anos, é o guerrilheiro mais velho das Brigadas Internacionais." (BARCELLOS, 1982, p. 128)

Edgar lutou no Sul, na fronteira da Costa Rica com a Nicarágua e Caco Barcellos só o conheceu após a vitória, no setor de artilharia do novo exército. Em um momento da conversa entre os dois o guerrilheiro confessa: "Nessa guerra me diverti, fiz loucuras divinas, e neste momento estou triste." (BARCELLOS, 1982, p. 129) Mas, quando o repórter lhe pergunta o motivo, ele sai andando. Por mais irônico que pareça, a impressão que fica é de que a tristeza do personagem é consequência justamente da vitória, do fim do combate. Como se juntamente com a felicidade da vitória da revolução - de natureza ideológica - viesse uma tristeza - de natureza pessoal -, por sentir-se deslocado de seu "habitat": a zona de guerra.

O autor cita também a análise do conflito pelo personagem: "Não foi Somoza quem perdeu. Quem perdeu foram os gringos." (BARCELLOS, 1982, p. 130) Segundo ele, o plano dos EUA era permitir a invasão dos guerrilheiros, que estavam na Costa Rica, e depois fechavam a fronteira "como se ela fosse uma garrafa." (BARCELLOS, 1982, p. 130) Para El Brasileño, este plano não funcionou porque os guerrilheiros fecharam a rodovia Pan-Americana, "por onde circulam milhares e milhares de dólares por segundo [...] acabamos vencendo. Regime nenhum resiste, desmoralizado e sem dinheiro." (BARCELLOS, 1982, p. 130)

Enquanto passeia pela antiga mansão do ditador com Edgar, o autor descreve momentos de lazer dos guerrilheiros: jogam beisebol; um guerrilheiro toca piano; um casal se beija; e um grupo brinca na piscina, enquanto o pintor iugoslavo Cristor faz o esboço de 'Banho dos *muchachos*'.

5.6.10 A Ditadura

Neste período a ditadura recém derrubada é representada através de franco-atiradores da extinta Guarda Nacional, que permanecem em combate mesmo uma semana depois da vitória da revolução. "Muitos têm se disfarçado de *muchacho* para matar os próprios *muchachos* [...] Todas as noites, após as 21 horas, ocorrem tiroteios [...] realizaram dois atentados contra dirigentes do governo. Já mataram mais de vinte *muchachos* que policiam as ruas" (BARCELLOS, 1982, p.121). Em

Matagalpa, também há um grupo de vinte franco-atiradores que resiste. Estes são os últimos resquícios da ditadura apontados no livro.

5.7 A PARTILHA DO BOLO

Derrubada a ditadura, chega o momento de se montar um novo governo. É aí que as diferenças começam a aparecer. O autor afirma que os sandinistas cumpriram a promessa e incluíram todas as classes que lutaram contra a ditadura. Até mesmo a Igreja teve direito a representação, “pela primeira vez na história de uma revolução de objetivo socialista” (BARCELLOS, 1982, p.135)

Mesmo com a participação de todas as classes, os atritos começam a aparecer. Se antes era difícil diferenciar os guerrilheiros e o povo, com a derrubada da ditadura - o inimigo comum -, essa separação fica mais clara.

5.7.1 O povo

“Embora apenas os *muchachos* estejam autorizados a prender pessoas [...] todos que lutaram contra a ditadura e não pertencem ao exército regular sandinista, fazem parte das milícias populares, se sentem na condição de autoridade. [...] Durante pelo menos um mês, as ‘caçadas aos ricos’ provocou até a edição de uma lei especial, que punia [...] aqueles que fizessem justiça pelas próprias mãos.” (BARCELLOS, 1982, p.122)

Este conflito é bastante significativo. Após a vitória, os sandinistas passam a ser governo e, como tal, têm de manter a ordem do país. E esta função os coloca em posição oposta à do povo que tenta fazer justiça com as próprias mãos. Mas, contraditoriamente, não era justamente isso – justiça com as próprias mãos – o que o povo fizera o tempo do conflito enquanto ajudava como podia a guerrilha a derrubar a ditadura?

5.7.2 A guerrilha

Além das diferenças entre a guerrilha e o povo, na hora de montar um governo e dividir o poder, surgem as divergências internas da FSLN. Estas

diferenças vêm da própria constituição da FSLN, criada em 1962, por Tomás Borge e Carlos Fonseca Amador com o nome de Guerra Popular Prolongada.

“Mas havia divergências internas na GPP, que acabou num racha, que gerou a Tendência Proletária, grupo reduzido de intelectuais de formação acadêmica que pretendiam formar um partido ortodoxo para governar a Nicarágua. Em 1974 surgiu uma nova facção, a Tendência Tercerista, partidária da insurreição popular na zona urbana. [...] A união das três tendências deu origem à Frente Sandinista de Libertação Nacional.” (BARCELLOS, 1982, p. 108)

A Tendência Tercerista ganhou importância no conflito por tomar a primeira cidade, Leon, por realizar ações ousadas, como o sequestro do Palácio Nacional, e por fazer alianças políticas importantes para a vitória: o apoio do Partido Socialista da Nicarágua garantiu financiamento dos socialistas da Europa e América do sul e o apoio da Frente Ampla Opositora ampliou os quadros da vanguarda armada. “Mas há os que criticam os terceristas pela política ‘social-democrata’ dos seus integrantes, e por admitirem em seu exército até os ‘despreparados’ e sem ideologia” (BARCELLOS, 1982, p. 109).

A situação do personagem Comandante Zero mostra claramente a relação entre o período da “revolução vitoriosa” e o da “partilha do bolo”. Na festa da vitória, quando os líderes sandinistas chegam à capital, “o nome de zero foi o mais gritado. [...] E foi também o mais aplaudido. Mas ficou marginalizado no governo revolucionário.” (BARCELLOS, 1982, p.114).

5.7.3 Comandante Zero

“Embora já fosse um guerrilheiro experiente, conhecido por suas histórias legendárias, o Comandante Zero se tornou famoso no dia em que chefou o ataque ao Palácio Nacional da Nicarágua.” (p.114) Este ataque ficou conhecido como o maior sequestro da humanidade, envolvendo cerca de três mil pessoas. Com este episódio, Zero “se transformou para a imprensa do mundo inteiro, no guerrilheiro-símbolo da revolução nicaraguense.” (BARCELLOS, 1982, p. 114)

“O Comandante Zero, Eden Pastora, é um ex-pecuarista de Esteli. Nascido em 36, viveu 23 anos como guerrilheiro, dentro e fora da Nicarágua. Antes de tomar o Palácio Nacional, Somoza já o

considerava 'vermelho' e assaltante de banco irrecuperável, o que prejudicava suas jornadas de guerrilheiro internacional" (BARCELLOS, 1982, p. 115)

Em sua vida pessoal é descrito como fanfarrão, mulherengo, apaixonado por touradas e por prostitutas. Corriam boatos de que ele teria sete amantes em sua cidade. Mas os homens de Ciudad Dario também se identificavam com Zero.

Na hora de montar o novo governo, Eden Pastora foi colocado de lado. Somente dez dias após a vitória, recebeu o cargo de Vice-ministro do interior, "o que nada significa em termos de força de decisão" (BARCELLOS, 1982, p. 115)

Alguns dizem que o motivo seria que os terceristas, sua tendência, teriam aumentado as divergências internas, outros, que a Direção Nacional o excluiu por ter personificado a imagem da revolução a nível de opinião pública internacional. Ele afirma não ser homem de gabinete e ter saudades da guerra. "Verdade ou não, o certo é que depois da vitória, o Comandante Zero passou a evitar os jornalistas, dizendo estar saturado de dar entrevistas. A publicidade o teria prejudicado? Ele gostaria de estar no poder?" (BARCELLOS, 1982, p.115)

Aparentemente, Caco Barcellos não teve contato direto com Eden Pastora. Para montar seu perfil, o repórter conversou com uma de suas amantes, com o irmão Arnaldo, "companheiro de xadrez nas prisões de Somoza" (BARCELLOS, 1982, p. 117) e com seu outro irmão, Félix. Caco Entrevista Félix em duas ocasiões: durante a guerra, irritado, chama Eden de bandido e o acusa de ter arruinado suas economias ao vender uma fazenda de cem mil dólares, que tinham em sociedade, para sustentar a guerrilha; após a vitória da revolução, os vizinhos dizem até que ele se vangloria por ser irmão do Comandante Zero e até releva a dívida da fazenda, "porque assim ele ficará devendo a mim toda glória que conquistou até hoje". (BARCELLOS, 1982, p. 118)

5.7.4 Comandante Dois

"Meu nome é Dora Maria Telles Arguello. Tenho 22 anos, eu era estudante de medicina em Leon, nasci em Matagalpa, mas minha família vive em Manágua." (BARCELLOS, 1982, p. 105) A Comandante Dois ficou conhecida durante o sequestro do Palácio Nacional. "Como consultora política do grupo, ficou

encarregada de negociar com Somoza [...] E, por ser boa oradora, ficou a seu cargo a leitura dos comunicados dos guerrilheiros”. (BARCELLOS, 1982, p. 105)

Dora é uma das três mulheres, entre os cinco membros do estado-maior sandinista em Leon, a primeira cidade conquistada pelos sandinistas. Na mansão escolhida para a sede do governo local, Caco Barcellos entrevista a Comandante Dois durante quatro horas.

“Ela gosta de Che Guevara e Tony Curtis. Bonita, sorridente, é considerada umas das líderes linha-dura da revolução. O povo fez até passeata contra seus critérios, mas a Comandante Dois se manteve firme. Com o país ainda governado pelo ditador, executou com rigidez as leis revolucionárias” (BARCELLOS, 1982, p. 111)

A entrevista aborda estratégias de guerra e detalhes da vida pessoal da guerrilheira. O repórter confirma um episódio no Palácio Nacional quando ela cochilou e derrubou a arma no chão. Ela admite dormir nas situações mais difíceis. O repórter demonstra ter feito uma boa coleta de informações prévias sobre a entrevistada, por exemplo, quando conversam sobre a vida afetiva das guerrilheiras.

“-Me disseram que você se apaixonou por um reacionário, é verdade?

-Como você descobriu? Eu gostava dele, sim, mas era reacionário demais.”

(BARCELLOS, 1982, p.112)

O autor chega a citar um trecho da carta escrita por Dora aos pais quando, dois anos antes de se formar, se decepçiona com a medicina e passa à clandestinidade.

“Começo a pensar que em breve começará a vida de mais um ser humano, de um novo homem que pode ser um profissional qualquer, um grande pensador, um grande poeta, um fracassado, um solitário, um lutador, um idealista ou alguém que vai ser mais um corrupto do país, ou ele será alguém condenado à pobreza, como a maioria do nosso povo...” (BARCELLOS, 1982, p. 107)

5.7.5 El vulcano

Os guerrilheiros tomam a primeira cidade, Leon, ainda no começo de junho, antes da chegada do repórter. Imediatamente, Somoza envia para Leon “o general Gonzalo Evertsz Vallecillo, El Vulcano, um torturador sádico, barrigudo, ‘debilóide’

segundo os estudantes, militar típico da ditadura. [...] um homem que odeia a juventude de seu país.” (BARCELLOS, 1982, p. 104)

El Vulcano recebe duas missões: repetir os operativos de 78, quando após uma insurreição armada sandinista, matou dois mil suspeitos, e caçar a Comandante Dois. A caça leva a uma onda de capturas aleatórias de mulheres, que supostamente seriam a comandante. Após a vitória, os sandinistas encontraram os corpos destas mulheres no QG de Vulcano: “...outra marca bem características dos crimes do general. Ele fez com as mulheres o que prometeu fazer no corpo da comandante dois: enfiou o cano do Galil nos órgãos genitais e apertou o gatilho, como se o fuzilamento fosse o ato sexual de um monstro.” (BARCELLOS, 1982, p.107)

5.7.6 A guerrilha

A divisão de poder entre os sandinistas tem um caso excepcional na cidade de Matagalpa. Como se não bastasse um grupo de franco-atiradores da já extinta Guarda Nacional que segue combatendo, é em Matagalpa que está o maior atrito entre facções da FSLN. “Há dois exércitos e dois quartéis, um da GPP e outro da Tendencia Tercerista. A única coisa igual é o uniforme, mas todo guerrilheiro tem a sigla GPP ou TT escrita no chapéu, numa fita no braço ou na arma.” (BARCELLOS, 1982, p.141) Até mesmo na hora de festejar a vitória da revolução, duas festas, dois cortejos em duas ruas paralelas da cidade, em sentidos opostos, cada tendência com o seu líder.

O autor cita duas interpretações sobre a concentração de poder na revolução: uns dizem que é Borge, da GPP, o homem forte do governo revolucionário, outros atribuem o poder aos irmãos Ortega, Humberto e Daniel, da TT. “Enquanto Humberto Ortega divide o comando do Estado-Maior com Tomás Borge e Luís Carrion, Daniel Ortega é membro da Junta de Reconstrução Nacional, e o principal articulador político da revolução.” (BARCELLOS, 1982, p. 135)

No título do capítulo que trata da história de Borge, ele é descrito pelo autor como “o novo homem forte”. Essa referência sugere um palpite de Caco Barcellos em relação ao principal nome da revolução. Em seguida, ele completa:

“O poder real foi dividido entre os nove integrantes da Direção Nacional Conjunta da FSLN. Mas quem aumenta de carisma dia a dia é um marxista-leninista de 49 anos, Tomás Borge, o *velhito*, como o chamam por ser o mais antigo dirigente sandinista” (BARCELLOS, 1982, p. 135)

5.7.7 Tomás Borge

“- Tudo começou no quintal lá de casa – costuma contar Tomás Borge Martínez, único fundador da FSLN ainda vivo, referindo-se aos encontros que teve com Carlos Fonseca Amador para criar a organização [...] Borge e Carlos eram amigos de infância. Vendiam rapadura e doce de batata pelas ruas de Manágua.” (BARCELLOS, 1982, p. 131)

Tomás Borge é um dos homens fortes da revolução, uma das principais figuras, fala com frequência em rádio e TV. Jornalista, foi correspondente do jornal La Prensa. Esteve preso três vezes. “Na prisão, redigia os artigos que circulavam clandestinamente nas cidades e nas montanhas. Em geral, era uma aula de guerrilha: como construir um buraco para deter um tanque, escolher o local adequado para uma trincheira.” (BARCELLOS, 1982, p.136).

Com a vitória da revolução, Borge vai à televisão tirar a desforra de seus antigos algozes. Antes da coletiva, se mostra preocupado com a iluminação do lugar e se irrita com a decoração, arrancando da parede e atirando no chão dois quadros surrealistas. Durante a coletiva, nervoso, caminha de um lado para o outro, fala cara a cara com seus prisioneiros, mas em nenhum momento o autor relata que ele tenha se exaltado. Ao lembrar do assassinato do amigo e companheiro Carlos Fonseca Amador, cita o lema sandinista criado por este: “implacáveis no combate, generosos na vitória.”

5.7.8 Misterioso Modesto

A guerra já havia acabado e Caco Barcellos permanecia na Nicarágua. Havia encontrado um novo objetivo, “talvez mais por teimosia” (BARCELLOS, 1982, p. 126) resolveu entrevistar o ideólogo da Guerra Popular Prolongada, Henry Ruiz, o *Misterioso Modesto*.

“Campeão de inteligência num concurso de secundaristas do país, formado em engenharia nuclear na Universidade Patrice Limumba, em Moscou, de onde foi expulso por ter ‘ideias muito avançadas’, o comandante Henry Ruiz, o *Misterioso Modesto*, esteve quinze anos desaparecido e tido como morto pela ditadura. [...] Além de ideólogo da GPP, sempre teve ascendência na direção nacional da FSLN. Participou de todos os planos de ação guerrilheira no país, mesmo as que foram executadas por *terceristas*...” (BARCELLOS, 1982, p. 126)

Neste sumiço, Henry deixou para trás sua esposa e a filha recém nascida, a quem jamais visitaria, mesmo após a vitória da revolução. O próprio pai, Hildebrando, a quem não via a dezenove anos, sabendo que o filho estava na Nicarágua, viajou ao seu encontro. Esperou sete horas para ter acesso à sala onde estava o filho.

“O velho Hildebrando, 73 anos, não o reconheceu. Ficou em silêncio alguns segundos, olhou o filho de cima a baixo, tocou no bigode dele e deu a volta, ameaçando ir embora. Mas *Modesto* insistiu.

-O que houve, pai?

-Você é um francês, não é meu filho. Parlez vous français?” (BARCELLOS, 1982, p. 126)

Na tentativa de entrevistar *Modesto*, Caco Barcellos espera doze horas para ouvir da secretaria que ele havia dormido sobre a mesa. O repórter retorna na manhã seguinte e a explicação é de que ele está nas montanhas. Duas horas depois, *Modesto* sai da sala, concede trinta segundos de entrevista, prometendo um novo encontro no dia seguinte. O encontro leva duas semanas para acontecer. Caco pega *modesto* de surpresa saindo do Bunker.

“-Vamos lá, não tenho compromisso nenhum... Pergunte. - antes que eu fizesse a primeira pergunta, *Modesto* começou a olhar nervosamente para o relógio e tragar o cigarro sem parar.

-Qual a sua função no novo governo da Nicarágua?

-Bem, na verdade eu exerço uma atividade ampla e abrangente... Está bom assim? Ficou boa a resposta? – ele disse, e deu ordens para o motorista partir.

-Não, espere aí, soube que você quer comprar armas do Brasil, é verdade?

E ele com o carro já em movimento:

-Está bom assim? Até amanhã, até amanhã...” (BARCELLOS, 1982, p. 127)

6 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procurou-se demonstrar como o autor Caco Barcellos representa a Nicarágua durante a revolução sandinista. Para isso, dividiu-se o tempo em que o repórter permaneceu no país em períodos. Os períodos são definidos a partir da angulação do repórter que varia ao longo do livro, seja por decisões suas – como quando escolhe ficar no Hotel Intercontinental ou quando pede para permanecer convivendo entre as colunas guerrilheiras -, seja por situações do conflito, independentes de sua vontade - como a evacuação do hotel ou sua prisão pelos guerrilheiros em Masaya. A decisão de dividir o livro em períodos se deu porque, conforme o conflito evolui e o ângulo de repórter muda, mudam também as referências aos eixos de análise e o perfil dos personagens apresentados.

No período denominado neste trabalho como “Fui pra Manágua!”, o autor relata o momento da decisão de cobrir o conflito. Neste período não há referência aos eixos, afinal trata-se de um momento anterior à chegada no país, porém, aqui ficam claras as condições em que o repórter se dispõe a trabalhar. Vai para a Nicarágua sem uma pauta definida, com pouco dinheiro e sem vínculo com qualquer veículo. Em sua primeira experiência no front, Caco Barcellos parece movido simplesmente pela missão jornalística de acompanhar os fatos tão de perto quanto possível, ainda que isso incorra em riscos. O repórter usa como fontes diversas pessoas que cruzam seu caminho, sejam funcionários do governo, soldados de ambos os lados, crianças, mulheres e homens inseridos em diferentes contextos. Quando os jornalistas decidem por sua segurança e vão embora, Caco permanece, aguardando o desfecho dos acontecimentos.

Durante a cobertura padrão, só há referências aos eixos “A ditadura” e “A imprensa”, afinal, neste período, o ângulo escolhido pelo repórter só lhe permite contato com estas partes. Este é o momento em que a relação entre estes dois eixos começa a ser abalada, com a morte de Bill Stewart e o descaso de Somoza em relação às investigações.

Na cobertura sem ar condicionado, sobretudo a partir do encontro com o jornalista Herrera, Caco Barcellos passa a ter contato com as zonas de combate e com o povo. Aqui aparecem as primeiras referências a este eixo, que mostram um

povo sem perspectiva, que apenas sobrevive como pode, quando pode. Neste período são descritos quatro personagens enlouquecidos pela guerra. Este é um período de completo isolamento do repórter em relação aos demais correspondentes que permaneciam no país. Aqui começam a aparecer as fragilidades da ditadura e a fúria do ditador. A guerrilha ainda é vista à distância, através dos dados do conflito.

Ironicamente, com a prisão do repórter pelos guerrilheiros, se dá o primeiro contato próximo com este eixo. É quando o autor é surpreendido pelo protagonismo das crianças na revolução. Aqui acontece a principal mudança de ângulo do repórter, que pede autorização para permanecer entre os guerrilheiros. A partir dessa aproximação, se intensifica o envolvimento do repórter com a guerrilha, a tal ponto que, em determinado momento, ele relata ter participado de uma ação de guerra. Localizo aqui uma falha do repórter, falha esta que ele mesmo havia criticado em seu colega Herrera. Caco Barcellos vai além da função jornalística que o levava até ali e toma parte no conflito, passando a andar “de braços com a guerrilha”.

É claro que não há como medir a influência dessa relação no trabalho do repórter, mas neste momento, as referências ao povo e à guerrilha se misturam, como parecem se misturar no cotidiano da guerra. Embora não deixe claro seu posicionamento ideológico, aqui Caco Barcellos legitima a adesão do povo aos sandinistas e a opção pela luta armada como última saída para combater a ditadura. A partir dos relatos, resumo a situação do povo em quatro palavras: resistência e improviso; desespero e sobrevivência.

Os personagens descritos aqui também mostram essa relação, seja Lázaro, um homem do povo que aderiu à guerrilha após presenciar o assassinato de um vizinho, seja Leonor, mãe de um guerrilheiro de doze anos que atravessa a zona de combate para levar alimentos aos combatentes nas trincheiras.

Na “revolução vitoriosa”, em meio à festa, povo e guerrilha ainda se misturam, embora comecem a aparecer os primeiros percalços do novo governo, como a ineficiência da burocracia e da polícia. Aqui aparecem os últimos resquícios da ditadura, representada através de alguns soldados abandonados que seguem em combate, defendendo um governo que já caiu. Neste período, as referências à guerrilha passam a retratar as lideranças sandinistas: os comandantes. Antes, as referências a este eixo retratavam combatentes maltrapilhos, mensageiros descalços, pessoal de combate: o baixo escalão sandinista.

Na partilha do bolo essa diferença fica clara. Os personagens apresentados aqui são comandantes sandinistas das tendências que disputam o poder dentro do novo governo. Quem lutou nas trincheiras não é quem vai sentar no gabinete.

A vitória da revolução não foi feita diretamente nas trincheiras, o povo não derrubou a ditadura vencendo o conflito armado. A ditadura caiu quando caíram suas bases de sustentação: foi uma vitória diplomática. Quando Caco Barcellos chega ao país, os sandinistas já têm diversas cidades e pontos estratégicos dominados, mas perde o conflito na capital. A resistência orquestrada pelos sandinistas e executada juntamente com o povo serviu como uma forma de ganhar tempo até que o governo, que já caía de maduro, apodrecesse de vez. A ditadura lutava contra todos, a única possibilidade do que se possa considerar uma vitória moral seria a aniquilação de todos. A cartada final foi a operação *terra arrasada*, que fracassou.

Caco Barcellos relata a análise do conflito feita por um guerrilheiro das Brigadas Internacionalistas. Esta é a única leitura dos motivos da vitória sandinista que consta no livro. Pelo contato que o repórter teve com diversas pessoas, inclusive comandantes, suponho que tenha ouvido outras análises, logo, se optou por essa, provavelmente seja a que mais lhe agrada. Segundo esta leitura, não foi o governo de Somoza que perdeu a guerra, e sim os “gringos”. A ditadura se sustentava graças ao apoio dos Estados Unidos e do uso da força. Sem o apoio estadunidense, só a força bruta não foi suficiente.

Ao longo do livro, o autor parece movido simplesmente pelo espírito de repórter. Isto fica claro desde o primeiro momento - quando deixa emprego e filho nos Estados Unidos para viajar praticamente sem dinheiro - até o último - após a vitória da revolução, quando a pauta parecia encerrada, mas o repórter ainda corria atrás de uma última entrevista. Com o intuito de representar o conflito da forma mais completa e aprofundada possível, Caco Barcellos deixa de lado o conforto, a segurança e até mesmo a própria saúde, coloca sua vida em risco para captar mais de perto a realidade que o cerca. Somente desta forma, foi possível se aproximar das pessoas – principal foco do livro – para entender seus contextos, preocupações e de que forma a guerra interferiu nas suas vidas.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. **Nicarágua: a revolução das crianças**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARROS, Antonio Teixeira de; TARGINO, Maria das graças. **A análise de conteúdo como método qualitativo de pesquisa em Comunicação**. Brasília, 2000. Mimeografado.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

CHRISTIAN, Shirley. **Nicarágua: revolução em família**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em Ciência da Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodología de análisis de contenido: teoría y práctica**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993a.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993b.

NICARÁGUA. In: ALMANAQUE Abril 2008. São Paulo: Abril, 2008.

PIVA, Márcia Cruz; PIVA, Marco Antonio. **Nicarágua: um povo e sua história (1552-1984)**. São Paulo: Paulinas, 1986.